

BIBLIOTECAS POPULARES: METODOLOGIA DE PESQUISA E
SERVIÇOS ALTERNATIVOS

BIBLIOTECAS POPULARES: METODOLOGIA DE PESQUISA E
SERVIÇOS ALTERNATIVOS

OLGA MARIA RIBEIRO GUEDES

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA, COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MINAS GERAIS

1989

Esta dissertação foi submetida como parte dos requisitos necessários a obtenção do Grau de Mestre em biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas de ética científica.

OLGA MARIA RIBEIRO GUEDES

DISSERTAÇÃO APROVADA EM _____

ANNA DA SOLEDADE VIEIRA
ORIENTADORA DA DISSERTAÇÃO

CECÍLIA DINIZ NOGUEIRA

SUZY DE SOUZA QUEIROZ

À memória de D. Olga, mãe
controversa que sempre me ensinou
a lutar honesta e humildemente
pela vida.

*Ao Silas, homem querido, com quem
troco amor, paixão, amizade e desacordos
no enfrentamento do dia a dia.*

*Aos filhotes, David e Flávia, pela
inocência esplendorosa, constante e
insistente desafio que me
leva a muitas esperanças.*

Ânsia de
Parir,
sensação de explosão,
corpo fervilha,
intelecto se agita,
avalia, analisa
pensa, produz e
responde preciso aos
impulsos de criação
coração dispara,
a eternidade no papel,
idéias se concretizam,
com lucidez, forma-se
um saber,
da vida,
das emoções,
do trabalho coletivo,
sofrido, curtido,
buscando um mundo
novo,
justo, humano.

AGRADECIMENTOS

É preciso lembrar todos que contribuíram para o nascer deste trabalho, cujo "parto" se prolongou por muito tempo envolvendo tantas pessoas que foram fonte de carinho, inspiração, apoio intelectual, ajuda concreta e desafio. Faço um agradecimento geral, carinhoso e verdadeiro a todos que me ajudaram nesta caminhada.

Particularizo meu agradecimento especialmente:

À Anna Soledade, pela orientação e estímulo na elaboração do trabalho;

Às pessoas de Aarão Reis, que humana e esperançosamente partilharam comigo a busca de uma biblioteconomia comprometida com a classe trabalhadora;

Ao Anibal, que me ensinou a utilizar minha atenção pela vida como um bem social;

Às amigas, Rosa Lanna e Ana Cabral, que me deram alguns "empurrões" nas horas de desânimo;

Às amigas do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da UFC, em especial Fátima Portela e Erotilde Honório, que cotidianamente acompanharam minhas ânsias e reflexões sobre o viver e o fazer;

Aos meus alunos que sempre me estimularam com o debate de sala de aula.

R E S U M O

Analisa-se a questão do uso de técnica de pesquisa - observação, discussão de grupo, história de vida, questionário e entrevista - aplicadas a estudos qualitativos de biblioteconomia, trabalhando com grupos populares. Para tanto, utiliza-se o método da pesquisa participante, toma-se como ponto de partida a criação de uma biblioteca popular no bairro de Aarão Reis (BH-MG) e, a partir dela, desenvolvem-se atividades alternativas, obtendo-se como produto o resgate da memória da comunidade.

ABSTRACTS

Analysis of the use of some basic research techniques, as applied to the qualitative studies of library science with popular groups. Using the methodology of participative research, the present study has taken as a starting point the creation of a popular library at the Aarão Reis - BH-MG community in, order to develop alternative activities. The main product of the study was the recalling and the registering of this community memory.

S U M Á R I O

1	- <u>INTRODUÇÃO</u>	12
1.1	- <u>O problema</u>	16
1.2	- <u>O produto acadêmico</u>	16
2	- <u>BAIRRO DE AARÃO REIS: CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS SUJEITOS</u>	17
3	- <u>COMEÇO DE CONVERSA: UMA BIBLIOTECA</u>	40
4	- <u>QUESTÕES METODOLÓGICAS: ABRANGÊNCIA E LIMITE</u>	60
4.1	- <u>Técnicas utilizadas</u>	60
4.1.1	- <u>Observação</u>	62
4.1.1.1	- <u>Alguns dilemas da prática de observação</u>	65
4.1.2	- <u>Discussão de grupo</u>	67
4.1.3	- <u>História de vida</u>	68
4.1.4	- <u>Questionário</u>	70
4.1.5	- <u>Entrevista</u>	74
4.2	- <u>Experiência de pesquisa</u>	80
5	- <u>UMA CONCLUSÃO POSSÍVEL: TENTANDO RECUPERAR O TODO</u>	97
5.1	- <u>Um olhar reflexivo sobre os instrumentos</u>	102
5.2	- <u>Pensando no amanhã</u>	105
6	- <u>CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS</u>	107
7	- <u>BIBLIOGRAFIA UTILIZADA</u>	110

S U M Á R I O

8	- <u>ANEXOS</u>	116
8.1	- <u>Roteiro de entrevista</u>	116
8.2	- <u>Modelo de questionário</u>	117

I - INTRODUÇÃO

Este estudo pretende abordar alguns aspectos ligados ao uso de técnicas de pesquisa, aplicadas a estudos de bibliotecas comunitárias, trabalhando com grupos populares. A questão da informação - conceitos, formas, utilização, etc. - na vida social da população estudada é somente uma preocupação que permeia o trabalho, pois a amplitude do contexto da pesquisa não permitiu aprofundar esta problemática. Por outro lado, o uso daquelas técnicas em Aarão Reis viabilizou a produção da história do lugar e a criação da biblioteca.

O interesse em estudar o uso das técnicas, deve-se à constatação de que grande parte das pesquisas em biblioteconomia, no Brasil, usa, sem muitos questionamentos, metodologias pragmáticas que vêem a pesquisa como "um conjunto de regras que, se aplicadas com a "neutralidade" necessária, garantem o caráter científico do trabalho", esquecendo-se de que a pesquisa depende tanto de pressuposto teórico quanto da maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa. Como resultado temos o excesso de quantificação de dados empíricos, em detrimento da busca de compreensão e de interação entre pesquisador e pesquisados.

Nossa área pouco tem utilizado métodos não convencionais de pesquisa para responder com maior eficiência a problemas reais de informação sob forma de diretrizes de ação transformadora. Daí, ser urgente um re-equacionamento das diretrizes das pesquisas em biblioteconomia: pesquisas para que? em benefício de quem? com que objetivos? com que metodologia?

Uma outra razão de interesse surgiu da constatação de que a biblioteca desenvolve um trabalho voltado para os grupos mais privilegiados da sociedade, marginalizando cultural e educacionalmente os grupos que formam as classes populares*. Essas últimas ficam à margem dos benefícios culturais ofertados pelo sistema, a não incluídos os serviços de biblioteca.

* Classes populares são aqui entendidas como as que provêm das camadas mais pobres da população brasileira.

Orientada por essa percepção, a condução do presente estudo foi perpassada ainda pela tentativa de caracterizar uma função social mais ampla para a biblioteca. Dentro dessa perspectiva, foi fundamental encarar o "homem não como um simples exemplar de sua espécie biológica, mas como um indivíduo concreto, quer dizer, tomando em consideração a sua especificidade histórica, social e individual". (29, p.86)

Na medida em que propus uma relação dinâmica, entre pesquisador e sujeitos da pesquisa não seria possível trabalhar sujeito-objeto passivo, mas um sujeito que dá algo de si no conhecimento que se pretende produzir, considerando esse conhecimento como uma atividade prática que transforma a realidade apreendida. Isto é possível a partir da práxis, que nos permite entender que a história é produto do homem coletivo e, principalmente, que neste processo histórico os fins visados, normalmente, não coincidem com os resultados obtidos.

Procurei definir uma postura face à questão da verdade dentro de um trabalho de caráter científico e optei pela colocação de SCHAFF, que diz: "ao admitirmos o sujeito ativo no processo do conhecimento e, portanto, que lhe introduz necessariamente um fator subjetivo, é evidente que a objetividade no sentido do valor não é individual mas universal do conhecimento, não pode significar que este valor é o mesmo para todos, que todas as diferenças entre os sujeitos desaparecem e que fica em presença da verdade absoluta". (29, p.97)

Portanto, a produção desse trabalho traz em suas características os fatores subjetivos-objetivos inerentes ao conhecimento como processo de objetividade relativa e não absoluta, considerando que o conhecimento é um processo infinito, um processo cumulativo das verdades parciais que a humanidade estabelece nas diversas fases de seu desenvolvimento histórico.

Dentro dessa perspectiva, acredito que o conhecimento produzido obedece a uma especificidade com determinação histórica própria, onde as interferências das relações sociais ocorridas no processo colocam-no como um conhecimento relativo e verdadeiro de determinado momento. Os resultados conseguidos, são eminentemente pontos de partida para uma reflexão, donde o caráter de pesquisa exploratória, na questão da instrumentalização pertinente a uma proposta de pesquisa em biblioteconomia, em zonas de perí

feria urbana.

O método de pesquisa que norteou minha prática foi a pesquisa participante. Tal metodologia foi definida em 1977 em uma reunião internacional sobre pesquisa participante, convocada pelo Conselho Internacional de Educação de Adultos, como um enfoque de investigação social por meio do qual se busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Esses participantes são os explorados, os oprimidos, os marginalizados. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa, de investigação e ação social. As características básicas da pesquisa participante são: "a investigação não pode aceitar a distância tradicional entre sujeito e objeto da pesquisa, por isso deve-se buscar a participação ativa da comunidade em todo o processo de investigação; - A comunidade tem um acúmulo de experiências vividas e de conhecimento; existe, portanto, um saber popular que deve servir de base para qualquer atividade de investigação em benefício dela. É a comunidade que deve ser o sujeito da investigação sobre sua própria realidade; a pesquisa participante estabelece assim uma nova relação entre teoria e prática, entendida esta última como a ação para a transformação; - O processo de pesquisa participante considera a si mesmo como parte de uma experiência educativa que serve para determinar as necessidades da comunidade e para aumentar a consciência; - A pesquisa participante é um processo permanente de investigação e ação. A ação cria necessidade de investigação. A pesquisa participante nunca será isolada da ação, dado que não se trata de conhecer por conhecer; - A participação não pode ser efetiva sem um nível adequado de organização, ou seja, as ações devem ser organizadas". (8, p.169)

A utilização da pesquisa participante exigiu uma reflexão em torno do papel desempenhado pelo intelectual junto à comunidade, no sentido de trabalhá-la para que produzisse seu próprio conhecimento, vinculado a sua realidade e necessidades. A tarefa das camadas populares é, de um lado, criar intelectuais orgânicos* e, por outro, assimilar intelectuais tradicionais. A

* Aquele ligado organicamente ao desenvolvimento da estruturação político-econômica do setor popular.

nões, cabe fazer parte deste processo de troca e produção de conhecimentos, através também, da pesquisa participante.

Trabalhei com os Grupos de Reflexão e Grupos de Ordem de São Vicente de Paula*, delimitados no bairro como população da Igreja Católica, para aplicação das técnicas de pesquisa e com as pessoas em geral moradoras do Bairro Aarão Reis, na criação da biblioteca e posteriormente, nas atividades desenvolvidas pela biblioteca.

Quanto ao conceito de biblioteca, utilizei a definição de bibliotecas populares de Lima, a saber: são as "que se diferenciam das grandes bibliotecas públicas pelo acervo menor e mais especificamente vinculado ao grau de desenvolvimento e aos interesses específicos do grupo a que atenderá. Distinguem-se também pelo atendimento mais personalizado que dispensam a seus usuários... Seriam as bibliotecas do oprimido - instituições nas quais a prática educativa levasse os leitores/educandos à busca de conhecimentos e de instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade". (13, p. 137)

Um conceito fundamental igualmente utilizado é de biblioteca - centro cultural: "um centro que, a partir da cultura literária, irradia estímulos em direção de um grupo determinado de pessoas, que tem por meta o desenvolvimento cultural integrado da comunidade". (6, p. 190)

Estes dois conceitos básicos de biblioteca foram, posteriormente, reforçados com a tese de MILANESI segundo a qual a biblioteca como um centro de informações será instrumento de desordem. O fundamental, para o autor, não é a informação, mas o conflito que ela gera. A biblioteca com seu acervo, abre espaço para o indivíduo avaliar e decidir. (18, p. 25)

Dentro desta perspectiva, da informação como potencial para gerar conflitos e mudanças, é que desenvolvi a prática em Aarão Reis.

* A Ordem de São Vicente de Paula é denominada Ordem dos Vicentinos, pelo grupo local, denominação essa que utilizarei no decorrer do trabalho.

1.1 - O problema

O interesse nuclear deste trabalho é verificar até que ponto o uso de várias técnicas de pesquisa pode ser oportuno em estudos qualitativos e em que fase e nível essas técnicas captam o real concreto da comunidade. Para efeitos do presente estudo, a comunidade é vista, dentro de uma microrregião geográfica definida, como o espaço social em processo constante de mudanças, cujo significado vai sendo dinamicamente produzido pelos indivíduos que a integram.

A contextualização da comunidade de Aarão Reis, seus problemas, suas contradições, as relações de poder existentes, serão expostas na caracterização dos sujeitos, enquanto resgatando a memória do grupo. Este relato, entretanto, somente foi sistematizado depois de um longo tempo no lugar e a partir da análise, principalmente das entrevistas, histórias de vida e discussões de grupo.

1.2.- O produto acadêmico

Enquanto o modelo tradicional de dissertação privilegia o processo, na apresentação do presente estudo opto por dar relevo ao produto. Assim, embora a essência de minha proposta de dissertação seja metodológica, a discussão teórica das técnicas utilizadas aparece em segundo plano, enquanto a memória da comunidade de Aarão Reis, por mim resgatada através daquelas técnicas, ganha o maior relevo e destaque, como expressão daquela minha prática totalizadora.

É DELEUZE (7, p.70) quem diz que "nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro". Assim, entendo que a realidade por mim captada na prática da pesquisa e da ação cultural, junto à comunidade de Aarão Reis, evidencia mais clara e fortemente o potencial daquelas técnicas, que a pura teoria. É a prática espelhando a teoria, para refletir de novo sobre esta, de maneira renovadora.

2 - BAIRRO DE AARÃO REIS: CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DOS SUJEITOS

As questões metodológicas e éticas colocadas anteriormente, nortearam minha chegada, permanência e saída de Aarão Reis.

Trabalhei com o bairro de Aarão Reis, situado na periferia de Belo-Horizonte-MG, de 1983 a 1985. Ao realizar o trabalho de campo, tinha em mente o fato de que os bairros periféricos são tidos agora, pela literatura pertinente, como os lugares onde se vive uma experiência comum de pobreza, que é a base para a emergência de movimentos reivindicatórios da população. Meu interesse foi realizar uma espécie de mergulho no bairro para verificar de que maneira, em termos de vivência cotidiana a informação circulava entre os moradores.

Não há nada, a rigor, que diferencie essa pequena localidade da periferia, do quadro geral que se tem delineado nas demais regiões do país. Por essa razão pareceu-me um bom lugar para a pesquisa. E, no entanto, o desejo era de encontrar um "certo quê" capaz de permitir reconhecer Aarão Reis como tal, sem dissolvê-lo na periferia.

O bairro de Aarão Reis, enquanto área geográfica, não tem sua configuração caracterizada em planta, como também não há dados acerca da população, nem a nível da Arquidiocese nem a nível da Prefeitura.

O bairro se restringe à área próxima da Igreja São José Operário, entrando um pouco acima na rua Santa Luiza e proximidades, e descendo até a avenida abaixo da praçinha da Igreja. Isto é considerado pelos moradores, já que a delimitação dada pela Prefeitura criou novos bairros - Tupi, Guarani, São Paulo - novas denominações para partes antigas do bairro.

Tratar do bairro é tratar de um mundo em movimento, constante transição, construção. Essa é uma realidade "visível", uma vez que durante o tempo que passei por lá, as modificações na paisagem local foram muitas: praçinhas sendo construídas, casas sendo reformadas ou construídas, ruas sendo calçadas.

O bairro é formado por casas pequenas, situadas ao

longo das ruas, que, em sua maioria, não possuem calçamento, nem sistema de esgoto. Nas ruas principais, algumas asfaltadas . ou tras com calçamentos, coexistem casas grandes (com vários cômo dos, pintadas, algumas com garagens para carro e jardins) junta mente com casebres e barracões. O bairro cresce constantemente. Em lugar de destaque situa-se a Igreja São José Operário, tendo atrás o Centro Social Frei José Renato e, na rua ao lado, a resi dência paroquial.

A área ao redor da Igreja é formada, na parte alta, por residências e pequeno comércio. Na parte baixa, onde circula intenso movimento de trânsito de carros, existe uma escola públí ca - Grupo Escolar Antônio Clemente - uma escola particular, ba res, acougue, oficina mecânica e algumas casas de família. Mais ao fundo situa-se o riacho Ribeirão da Onça, totalmente poluído, onde, às suas margens, funcionam algumas olarias. Há muitos ter renos baldios, por onde a urbanização do bairro se expande. Essa expansão iniciou-se através da apropriação, pelos trabalhadores, de terras que eram sítios das famílias consideradas ricas e que possuíam vastos terrenos. O loteamento se deu há cerca de vinte anos, época em que as famílias pobres compravam uma pequena terra onde construam. A documentação desses terrenos é duvidosa e al gumas vezes, tem gerado discussões quanto à posse. Esse tipo de apropriação de espaço, gerou proprietários e inquilinos em que os primeiros têm moradia de melhor padrão. Isto estabelece uma hie rarquia local claramente reconhecida. Assim há os proprietários que constroem, no fundo da casa ou ao lado, barracões para alugar, ou seja, há "pobres e mais pobres". Esta hierarquia constitui um fator importante na dinâmica do bairro.

O bairro é, por excelência, um local de moradia. A população, na maioria, trabalha no centro da cidade, ficando du rante o dia no bairro somente as mulheres-donas de casa - as cri anças, os velhos aposentados e os desempregados. Durante o dia, as mulheres vizinhas se visitam, falam sobre as novidades do bair ro; à noite, quando chegam os maridos, fica-se em casa. A criança da se diverte como pode, brinca na rua, vê tv; os idosos, quando possível, vão ao bar conversar.

A realidade do bairro é assunto constante nas conver sas: problemas, soluções, progressos conseguidos apesar das condi

ções precárias do povo. O progresso ainda, em muitos casos, é visto como dádiva do governo e não como resultado da luta coletiva e organizada da população.

O bairro fica mais movimentado no final da semana. Todos fazem compras, os vizinhos se encontram, conversam, trocam notícias da semana. Os homens vão ao bar, encontram-se para um joguinho, vão à barbearia. No domingo, as famílias dirigem-se à Igreja, conversam um pouco depois da missa e fazem visitas uns aos outros.

As pessoas se conhecem porque são do "pedaço" isto é, pertencem ao mesmo espaço físico e social, além de outros laços que as unem: interesses iguais, expectativas, ligações afetivas, familiares. Faz parte da vida do bairro a localização do sujeito, de onde veio, filho de quem, como vive, etc., na tentativa de identificação como sendo pessoa daquele bairro específico.

O bairro é, também, configurado pelos sujeitos a partir da utilização espacial que dele se faz. Reconhecendo-se nele os moradores se apropriam desse espaço público, que se torna familiar. Cotidianamente isto se comprova nas pessoas do bairro: conhecimento dos lugares, trajetos costumeiros, relações de vizinhança, sentimento comum de pertencer a um mesmo local. Isto de fine, até certo ponto, a noção de comunidade, que se sobrepõe, muitas vezes, à de bairro - organização coletiva de trajetórias individuais.

Historicamente, Aarão Reis é considerado um bairro pobre, que apresenta inúmeros problemas de infra-estrutura e algumas melhorias que não ultrapassam os bons dias do passado.

A denominação Ribeirão da Onça, então distrito de Santa Luzia, deve-se, segundo os moradores antigos, ao fato de que as primeiras famílias que vieram morar na região encontraram, na beira do ribeirão, uma onça morta.

Ao longo das histórias de vida dos moradores mais antigos, o bairro foi caracterizado como essencialmente rural com posto de lavradores que trabalhavam como meeiros ou tomadores de conta das fazendas existentes. O lugar era basicamente de terras verdes e plantações.

"Todos os lavradores, gente que trabalhava, como se diz? Gente que

procurava o seu próprio sustento através de suas próprias mãos, mas sem ser empregado, sabe? Ou sendo meeiro, ou sendo caseiro, sabe?" (mulher)

"Era daqui até Venda Nova; tudo era matagal puro, só puro mato. Lá na Cidade Nova tinha um fazendeiro que nós trabalhava lá para ele sempre..." (homem)

"Eram essas pessoas (fazendeiros) que plantavam e que davam serviço para esses moradores daqui". (homem)

Na história do bairro Aarão Reis, a instituição política formal manifestava-se através dos vários partidos, comandados pelos fazendeiros locais, o que não significava uma ampla participação política das pessoas, mas a utilização dessas - voto de cabresto, troca de voto - no processo político, demonstrando, assim, a forma de interação de parte da população com o universo institucional.

"Os chefes políticos não se harmonizavam. Cada um tinha uma linha de partido: um da UDN, outro do PTB, PDS. E a disputa partidária não foi unida, nós nunca tivemos uma luta política de um só partido. Sempre foram lutas separatas, apesar de ser esse grupo só, e quatro partidos aqui".

No plano informal, a política foi vivenciada pela população de Aarão Reis, ao longo de sua história, através de movimentos comunitários internos, em prol de algum objetivo comum.

"Então nós lutamos de fato, nós construímos alguma coisa, mas quem construiu foi o povo dessa comunidade de ... Foi esse povo bom que construiu

ram a igreja de São José Operário, a casa paroquial". (homem)

A qualidade de vida em Aarão Reis era sensivelmente melhor que hoje. A pequena população vivia muito próxima, de forma que as relações de troca e ajuda mútua facilitavam a convivência. Apesar de o chamado "progresso" não estar presente de forma acentuada na vida do bairro, as pessoas moravam e se alimentavam melhor, bem como a participação social era maior, no passado. A situação ambiental configura, com o passar dos anos, uma queda no nível da qualidade de vida.

"A pessoa tinha saúde, ... remédio nós fazia aqui nós mesmo. Ia no campo, aí arrancava a raiz ou flor, fazia aquele chá..." (homem)

"Nós lá ia pra lavoura, nós plantava naquela beirada da mata, derubava aquilo e plantava. Fazia plantações de milho, feijão, aquilo é que era a nossa comida, comida do tempo bom. Criava porco, muita galinha, tudo produto da casa mesmo, pra casa". (homem)

"É hoje tá muito apertado e até a gente, pessoas mais pobres não está podendo comer carne, né? Mas naquele tempo... tinha carne pra comer a vontade, porque a senhora tinha criação, muito frango criado em casa, muito ovos, leite. Era uma vida maravilhosa". (homem)

"Naquela época todo mundo se conhecia, o convívio era mais fácil, porque todos nós conhecíamos um ao outro, quase a fundo, era quase que uma família só. Mas com o surgimento desses

loteamentos, pessoas novas que foram chegando, então esse grande relacionamento que existia entre a gente deixou de existir". (homem)

"Como a vida era mais gostosa, como que a população era menor! Mas com toda a deficiência, você ainda respirava um ar mais puro. O verde reinava em todos os setores, e o povo se sentia mais unido mais amigo". (homem)

A nível de infra-estrutura, o bairro não possuía escolas, transportes, luz, água, rede de esgoto, habitação, igreja, etc. Os depoimentos dos moradores demonstram a lenta caminhada do bairro com relação ao estabelecimento dessa infra-estrutura através dos anos, entre "dãdivas" governamentais e reivindicações do povo.

"Nós estudava debaixo da árvore e essa árvore existia lá... Então, foi melhorando o lugar e eles fizeram um galpãozinho, uma escolinha. melhor no Aarão Reis". (homem)

"Nós vivia aqui numa comunidade que não tinha quase nada. A gente lutava demais, demais mesmo". (mulher)

"Nesta época que eu trabalhava aqui, tinha que ir prã cidade ã pẽ. Sõ tinha bonde na Renascença. Não tinha mais condução nenhuma". (homem)

"E nós chegamos, sem asfalto, sem água, sem rede de luz, sem esgoto, e sem coisa alguma nessa região". (homem)

"E nessa época (1960), a nossa

escola era muito pobre, era a única es
cola que existia na região". (mulher)

"Quando eu vim praqui, era uma
capelinha muito pobre, muito pequenina
e já bem velha". (mulher)

"Aqui era interior mesmo, o oni
bus saia da rodoviária. Depois, com o
tempo que eles tiraram da rodoviária,
passou a sair do ponto da cidade igual
aos outros". (homem)

O bairro Aarão Reis caracterizava-se como essencialmente
católico, com tradição de festas religiosas; onde a Igreja de
sempenhava um papel central nas relações da comunidade. O movimento
popular para a construção da Igreja, demonstra a força da religi
ão em mobilizar o povo, no seu sentido carismático, motivando-o
a cooperar com trabalho, doação em dinheiro, material de construção
e organização de festas para angariar recursos.

"As festas era missa normal e
procissão depois, a tarde tinha festa
de São Sebastião... e fazia leilão e da
va dinheiro". (homem)

"De primeiro o povo era mais a
nimado. Hoje eu vejo essas barraqui
nhas num dā renda. No meu tempo dava
renda" (homem)

"Hoje com esse movimento que
tem não sai uma festa como as de anti
gamente. Tinha muitos leilões... Jun
tava aquela turma"... (homem)

" A criação da paróquia em 60
foi muito importante para o lugar... a
população era muito pouca, tinha muito
pouca assistência religiosa". (homem)

"Desmanchamos a igrejaíinha e construímos essa que tem aí hoje". (homem)

"Uma turma saía pedindo tijolos, e nós as mulheres pedindo cimento... as crianças participavam... às vezes as pessoas não podia dar bens materiais e les oferecia horas de serviço". (mulher)

"Esse povo sem a ajuda dos poderes constituídos é que construíram a Igreja de São José Operário, construíram a casa paroquial em cinco meses, mobililiaram, puseram tudo". (homem)

A história de Aarão Reis e a história da Igreja Católica local estão tão entrelaçadas, que é difícil tentar fazer uma separação. A Igreja de São José Operário foi toda construída pela comunidade. Existia um compromisso, não só das lideranças locais, como também do povo, para construir a matriz e a casa paroquial. Historicamente, a relação da Igreja com o povo sempre foi muito forte, como centro de convergências das festas, das discussões. Onde se desenvolvia e se desenvolve um forte e amplo processo de comunicação, no sentido de que as pessoas obtêm informações do cotidiano, dos acontecimentos do bairro, através das conversas informais entre e através dos comunicados dos padres.

A Igreja sempre foi um espaço para a troca de experiência e informações diversas que, para se realizarem, dependem, também, de uma rede de relações pessoais contruída no próprio bairro e que tem na vizinhança e no parentesco seu ponto forte, juntamente com a participação na comunidade eclesial.

A História da construção da Igreja iniciou-se por volta de 1918. A família Trindade doou o terreno para construção da primeira capela, que era somente uma sala de adobe. Por muitos anos, a assistência religiosa foi muito pouca: celebrava-se a missa uma vez por mês, com um padre da paróquia de Venda Nova. Pessoa carismática, benzia as crianças, visitava as famílias, fazia o povo chorar nos sermões. Tinha-se o costume de tocar o sino pa-

ra avisar a chegada do padre e para todos os acontecimentos da comunidade. Os próprios moradores, aqueles que tinham carro, faziam um rodízio para buscar o padre no bairro vizinho.

Os moradores, junto com as lideranças locais, iniciaram o movimento religioso, através da criação da Ordem dos Vicentinos, depois a Irmandade do Coração de Jesus, que se encarregavam de organizar e realizar as festas religiosas, bem como de cuidar da capelinha.

Com todo o movimento realizado por esses grupos, a capela ficou pequena e foi preciso construir nova Igreja. Por essa época - início da década de 1960 - foi criada uma comissão de moradores encarregada de desenvolver uma campanha junto ao povo para angariar recursos para construção da Igreja matriz.

Realizaram pedidos junto aos donos das olarias para conseguir os tijolos, fizeram leilões variados, barracas de comidas nos dias de festas, tudo para juntar dinheiro para a Igreja. As pessoas que não podiam colaborar com dinheiro, ajudavam com seu trabalho, como as mulheres que cozinhavam para os operários da construção. Com o sistema de mutirão conseguiram levantar a Igreja, sem portas nem acabamento. Assim por vários anos, as missas foram celebradas ainda na capelinha, porque a matriz não estava pronta. Depois, novas campanhas se deram para conseguir comprar as portas, fazer o acabamento e, finalmente, terminar a Igreja.

Quando a Igreja ficou pronta, a comunidade se organizou para reivindicar, junto ao Arcebispo, um pároco para o lugar. Depois de muita luta e de nova campanha para construção de uma casa paroquial - exigência do Arcebispo, para que os padres pudessem residir no bairro - os moradores conseguiram com que Aarão Reis sediasse uma paróquia. Para a população essa condição de paróquia foi o resultado justo de um constante esforço de muitos anos e representou mais uma etapa no desenvolvimento do bairro.

Assumiram a Igreja os padres agostinianos, que ficaram por dez anos. Tiveram problemas de comunicação, pois não falavam bem o português e o povo estava acostumado com lindos sermões. Não eram pessoas criativas, mas ajudavam a comunidade a fazer tudo o que ela queria. Essa época é marcada pelas mudanças na Igreja Católica, ditadas pelo Encontro de Medellín, mudanças essas

que entraram em conflito com as tradições religiosas da comunidade. Entretanto, foi também a época em que a comunidade mais participou das campanhas da Igreja, dando início a um movimento de organização popular, mesmo que a nível informal. Assim, os padres agostinianos viveram com a comunidade todas as dificuldades do Concílio Vaticano II, mas ao mesmo tempo foi o começo de uma difícil caminhada para a Igreja comprometida com a causa popular.

Depois dos padres agostinianos, a comunidade foi assumida pelos dominicanos - por volta de 1980 - com uma proposta de compromisso com mudanças sociais, transformação da sociedade, mas que, até certo ponto, assustou a comunidade pela forma acadêmica e burocrática com que eles passaram a dirigir a Igreja. Nesse processo, uma parte da comunidade, sentiu-se alijada e outra abrigada pela Igreja. Os dominicanos estão até hoje em Aarão Reis e desenvolvem um trabalho ligado às comunidades eclesiais de base, juntamente com as irmãs dominicanas, que assumiram o centro social, a catequese, a liturgia da missa e os Grupos de Reflexão.

A passagem do grupo agostiniano para a nova postura do grupo dominicano parece ter sido um tanto complicada. O movimento religioso local, em princípio, não assumiu inteiramente as mudanças propostas pelos novos padres, no sentido de instalar um processo de reflexão crítica e participação mais democrática voltada para as classes populares.

É possível inferir-se que a evangelização estava ligada a uma parte prática, que aparece na nova organização da Igreja, com o que os grupos antigos da comunidade não concordaram muito. O contato direto e sistemático dos padres com os grupos têm, entre tanto, modificado essa postura, sendo, hoje, possível desenvolver um trabalho junto a certos setores da comunidade católica local.

Apesar da disposição para trabalhar na comunidade, a liderança local, que se engajou nesse processo, parecia se dar conta de que uma nova fase na história da Igreja local estava por começar e sentia, um pouco imprecisamente, que isso também dependia dos rumos da Igreja a nível supralocal, aos quais não tinha acesso e, muito menos, controle sobre eles.

Fez-se necessário caracterizar, para fins do presente estudo, a população com a qual trabalhei dentro da Igreja Católica local, que foram os Grupos de Reflexão e a Ordem dos Vicentinos. Tal caracterização foi obtida através da aplicação de questioná

rios a 104 pessoas, bem como entrevistas para aprofundar os dados do questionário, observação e história de vida.

Os Grupos de Reflexão constituem-se nas células primeiras das comunidades eclesiais de base, que têm como objetivo "serem aglutinadores das massas populares para a realização do projeto de criação de uma sociedade cristã, tal como a concebe a Igreja Católica. As CEBs são uma proposta que resulta da pressuposição de que a Igreja tem uma importantíssima função educativa na constituição do povo como nação. Caso se complete esse último passo, viabilizando-se o processo de constituição de uma sociedade igualitária, a Igreja terá condições de participar da colheita. Teremos, então, a concretização de uma grande nação católica de fato. Isso porque "de direito" parece ter sido estabelecido desde a primeira missa que é, simbolicamente, a da própria tomada de posse da nova terra". (14, p. 136)

As primeiras CEBs surgiram por volta de 1960, em Nizía Floresta, Arquidiocese de Natal-RN, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda-RJ, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral, podem ter de dez a cinquenta membros.

São comunidade porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, essas pessoas vivem em comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores dias, bem como anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas pela Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares), donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços. (2, p. 17)

Ensina-se nas CEBs que as pessoas são sujeitos e não coisas. O povo em movimento é a proposta e sinal evidente de que se apropriou de si mesmo, tornando-se sujeito de sua própria história.

É básico perceber que, apesar de toda ênfase dada à participação de leigos, a figura dos padres permanece fundamental. A idéia da comunidade está sempre associada aos padres, ao trabalho pastoral.

A prática da CEBs, idealizada no projeto de uma nova Igreja, identifica-se em três momentos, os quais se apresentam à

medida em que a comunidade evolui e aprofunda suas reivindicações e seu relacionamento com o meio.

O primeiro momento situa-se na esfera exclusivamente religiosa: o povo toma contato com a Bíblia, reza, faz novenas, canta, celebra a eucaristia e inicia uma ação com características acentuadamente moralista.

Num segundo momento, começa a tomar consciência dos problemas que o cercam mais proximamente, no bairro ou no campo: a água que não chega, o esgoto que polui, a falta de escola, transporte, o custo de vida, etc. E, organizadamente, luta pelas suas reivindicações.

No terceiro momento reconhece a razão fundamental dos problemas que afetam sua vida e determinam sua situação de pobreza. Iniciam, a partir daí, uma ação política nos movimentos populares, sindicatos, partidos políticos.

Na prática comunitária, cumpre realimentar e reviver o fervor religioso, mas de tal forma que o povo valorize a experiência de estar reunido e passe a desejar ver-se constantemente. Sem isso, a organização e a luta pelos direitos e reivindicações torna-se mais difícil... Espera-se que a organização passe a ser uma marca característica e constante do povo, e não que brote apenas em situações específicas. Na medida em que o projeto de CEB incorpora a representação de um tempo e espaço proféticos, espera-se dos cristãos uma constante abertura à sociedade e ao mundo. Ao mesmo tempo, essa caminhada deve envolver a constante autocrítica e ser orientada pelo referencial evangélico, de tal forma que se possa acreditar que os rumos do povo de Deus seguem uma trajetória previamente estabelecida pelos desígnios divinos e, assim, que Deus se revela na História.

O que observei em Aarão Reis é que a mobilização da comunidade e das pessoas que a compõem opera num contínuo vaivém. Os movimentos não são, desse modo, seqüências no tempo. Tendem a se misturar, a coexistir e, muitas vezes, a dinâmica da comunidade foge ao controle dos padres. Algumas pessoas resistem, outras se entregam com mais facilidade à CEB: Há um verdadeiro entra e sai no grupo. Idas e vindas. Há uma multiplicidade de maneiras de se inserir na CEB.

É necessário frisar que o dia-a-dia da CEB não se mis

tura com o cotidiano do bairro, nem mesmo com o das pessoas, ainda que membros da CEB. A vinculação à CEB é um aspecto na vida das pessoas, não representando a totalidade de sua existência, em bora interfira no modo pelo qual essa existência passa a ser vida. Conforme observei, a CEB somente passa a ter significado para as pessoas, na medida em que ela é identificada com seus objetivos e esperanças, a partir de um sentido real em suas vidas, no qual a CEB passa a ser necessária.

As consideradas CEBs, começaram em Aarão Reis a partir da chegada dos dominicanos, sendo, então, denominadas circulos bíblicos ou grupos de reflexão.

"Círculos bíblicos e de reflexão são a mesma coisa. Em 1983 nós começa mos com três grupos. Hoje são inúmeros".
(Frei Dominicano)

Os grupos dominicanos trabalham conforme sistemática estabelecida pela Igreja. A paróquia é formada pela comunidade, que por sua vez é composta de vários grupos, formados por pessoas que moram próximas umas das outras, que se reúnem semanalmente para refletir o evangelho, a partir de um livrinho, preparado pela Igreja junto com membros da comunidade. Este material é composto por um caso de vida real, com questionamentos sobre o fato e trechos da Bíblia que mais correspondem ao tema proposto. A cada três meses acontece uma grande reunião de todos os grupos da comunidade, que formam a paróquia.

"O objetivo desse trabalho é ajudar os grupos a refletir, uma coisa que levasse a se mobilizar na comunidade, de assumir uma nova visão da Igreja. Ter também uma certa unidade na paróquia. Foi muito difícil... muito duro, porque muito pessoal chegava, via que era difícil, saía, não voltava, não continuava. Até os grupos se firmarem foi muito difícil... Passou quase um ano".
(Irmã Dominicana)

"A gente quis primeiro reunir o povo em torno do evangelho, da palavra de Deus e a vida deles. O grupo de reflexão consiste em fazer a ligação entre a fé e a vida deles". (Frei Dominicano)

"Os grupos de reflexão são considerados células vivas da Igreja, por que você pega o evangelho, reflete junto, debate, discute. Encaminha as coisas". (Frei Dominicano)

O grau de envolvimento das pessoas na Igreja e nos Grupos de Reflexão acontece quase que por acaso, a maioria tem uma formação religiosa adquirida através dos pais e que é passada para os descendentes. Assim, participar dos grupos passa a ser uma atividade normal e até certa obrigação dos entrevistados. O nível de participação das pessoas varia conforme o "apelo" maior ou menor que a Igreja exerce sobre elas.

A relação que se estabelece entre as pessoas participantes dos grupos e a Igreja é essencialmente uma relação de troca. A possibilidade de mudar de vida, ajudar aos pobres, é uma forma de sair da sensação de inutilidade, isolamento e marginalização em que se vive. As reuniões e festas passam a ser espaço de solidariedade entre pessoas que sofrem de um conjunto de carências, comuns aos que moram, principalmente, nas periferias das grandes cidades brasileiras.

Esta análise não pode deixar de ver o lado das pessoas que, antes da chegada dos dominicanos, tinham uma participação bastante ativa na Igreja; entretanto, por discordarem em vãrios pontos da conduta dos padres, afastaram-se e, hoje, somente frequentam a Igreja para o culto religioso formal.

As mulheres têm uma participação bem mais ativa que os homens, na vida da Igreja. São elas que lideram os Grupos de Reflexão, tomam parte nas comissões de festa. Em sua maioria, trabalham para a Igreja mais pela dimensão religiosa do que pela dimensão política.

Para as mulheres, inserir-se na Igreja é um novo

caminho que se abre, faz com que se sintam melhor, realizadas. É uma forma de ocupar o tempo livre, ajudar os outros e principalmente "saindo de casa", ganhar uma certa independência com relação à família, sentir-se penetrando num espaço público. Sem que estejam conscientes disso, é uma conquista essencialmente política.

Para os jovens, ir à Igreja e participar dos Grupos de Reflexão é mais uma oportunidade de encontro e lazer. Muitos são aparecem nas festas, não tendo nenhum compromisso com a religião e a política. À época deste trabalho, especificamente o grupo de jovens da comunidade de Aarão Reis estava em fase de reestruturação e não pude trabalhar com ele.

Com relação aos homens, dentro da Igreja sua participação é bem menor do que a das mulheres. Há menos homens na liderança do que mulheres, mas, ainda assim, a posição de maior destaque é deles. Os poucos homens que atuam são, de um lado, alguns aposentados, que não discordam dos padres e continuam trabalhando para a Igreja, a fim de preencherem o tempo e serem úteis; e de outro, são aqueles mais jovens que, apesar de trabalharem a semana inteira, dedicam boa parte de seu tempo livre, às atividades da Igreja e percebem esta como espaço para desenvolvimento da consciência das pessoas e, em alguns casos, extrapolam essa participação política para o trabalho.

Outro grupo com o qual trabalhei, foi a Ordem dos Vicentinos - uma ordem de leigos, com aprovação da Igreja Católica. Os Vicentinos se dividem em Conferências, que são grupos formados por homens, mulheres e crianças. Possuem um presidente em cada Conferência e se reúnem uma vez por semana para rezar e tentar resolver os problemas das pessoas necessitadas do bairro, através de ajuda espiritual e financeira. Procuram manter boas relações entre seus membros e realizam o trabalho ligado à comunidade, em uma ótica eminentemente assistencialista, sem conotações políticas. A Ordem dos Vicentinos foi fundada em 1833, na França, por Frederico Ozanam. A Ordem dos Vicentinos local possui um Conselho, formado por representantes de cada Conferência, que se reúne mensalmente para discutir os trabalhos realizados.

"Os confrades, até pelo regulamento eles têm que ser muito amigos".
(homem)

: "Toda reunião a gente sempre es colhe, uma leitura para ler, a gente es colhe na Bíblia. Você sabe, tem muito evangelho que encaixa com o que a gente tã pensando". (homem)

As pessoas que frequentam a Ordem dos Vicentinos são, em sua maioria, analfabetas, com um senso de religiosidade muito profundo, pessoas de origem simples e que estão ali esperando pa ra serem ajudadas pelos "irmãos". É frequentada por mu lheres e crianças e alguns fazem parte de outros grupos religio sos. A maior parte, entretanto, somente vai à Igreja para os ri tos litúrgicos, não tendo participação na vida social da Igreja. Tal fato se dá porque tais pessoas não apreciam e não concordam com a forma como os atuais padres dirigem a instituição religio sa.

Assim, alguns líderes na Igreja que trabalhavam nas festas e eram uma espécie de administradores da Igreja, com a mu dança de padres e conseqüente mudança da sistemática, foram colo cados à margem do processo de convivência com a Igreja.

"...Antes era tudo comigo. Eu tinha a chave da Igreja e de tudo quan to era lugar. Não tem mágoa, eu fui um pouco desprezado... Aí eu fui me afas tando. Antes eu tinha plena liberdade sem abusar, né? Mas, essa mudança de padre..." (homem)

A população com que trabalhei, basicamente católica, não representa todo o bairro de Aarão Reis, que possui outras re ligiões atuando no mesmo espaço desempenhando um papel ativo jun to à população. Entretanto, a representatividade dos Grupos de Reflexão (CEB) é da Ordem dos Vicentinos coloca-se no momento em que eles formam a população de católicos praticantes. É preciso ter claro também que a Igreja não é o único espaço de liderança do bairro, mas ainda é um espaço ao qual as pessoas recorrem e que se integra dinamicamente na vida do bairro.

Dessa forma, se no nível institucional a comunidade de Aarão Reis não é considerada bairro, ela passa a sê-lo através

de um imaginário que, como representação, consolida a Igreja e sua liderança como representante dos bairros, legitimando a ação da mesma frente ao povo.

A complexidade das relações sociais numa comunidade tem que ser percebida, na medida do possível, para que se configure um retrato mais real do cotidiano e das vivências das pessoas dessa comunidade.

É possível, através das festas, compreender alguns aspectos da realidade particular do bairro de Aarão Reis, mesmo sem considerá-lo como entidade autônoma. As redes de sociabilidade do bairro apresentam-se em diferentes níveis e diferentes processos. Há aquela a nível interno do bairro: círculo familiar, laços de vizinhança, Igreja e outras instituições locais, por exemplo, a escola e as associações. E aquelas redes a nível externo ao bairro: parentesco familiar ampliado, os vínculos de trabalho e instituições externas ao bairro.

As festas revelaram-se um espaço social onde os vários níveis - interno e externo - de sociabilidade, que atravessam o bairro, se manifestam. Há no bairro dois tipos de festas: as familiares e as da Igreja. O importante é ressaltar a fluidez existente entre essas festas. Há um componente familiar nas festas da Igreja e é impossível dizer que os laços sociais decorrentes da religião não apareçam nas festas familiares.

As festas fazem parte do contexto cultural do bairro, são uma dimensão de vida, contribuem para o sentimento de estar junto e configuram o espaço privilegiado do acontecimento extraordinário. As festas são, também, uma expressão e afirmação de valores. O significado mais geral da festa reporta-se ao esforço rotineiro de estruturar a experiência em busca de um sentimento para viver junto.

A maior parte das comemorações que acontecem no bairro diz respeito às reuniões familiares, que, em sua maioria se referem ao ciclo de vida dos indivíduos. Assim, temos os batizados, os aniversários, os casamentos e, mesmo, os enterros. Há também as festas previstas no calendário civil, como o Natal e Ano Novo e, num segundo plano, a Páscoa. Estas festas, que são também festas religiosas, são comemoradas pelos fiéis no espaço doméstico e no religioso.

As festas oficiais da Igreja dizem respeito aos gran

des eventos especificamente religiosos, como o Natal e a Semana Santa, culminando na Páscoa. Nessas ocasiões, as atividades são de cunho religioso, como as novenas preparatórias do Natal, a missa do galo, a procissão da Semana Santa, o lavapês, a vigília da Páscoa. Há também as festas dos santos, onde a celebração da missa é mais festiva, no sentido de ter cantos e decoração de flores.

Os limites entre os vários tipos de festa são bastante fluidos. Todas elas contribuem para formar a identidade do bairro e demarcam um certo "quem é quem" local.

As festas familiares, em Aarão Reis, ocorrem com uma certa frequência, e algumas vezes, tive oportunidade de ser convidada a participar delas. A mais frequente é a de aniversário das crianças e dos jovens - os adultos acham que, "não têm mais idade". Pessoas idosas têm seu aniversário também comemorado, principalmente a passagem de uma década para outra.

Uma das dificuldades para a realização das festas de aniversário é seu alto custo. Assim, as festas se restringem ao circuito familiar. Os jovens gostam e se esforçam para comemorar seus aniversários. É preciso "receber bem" as pessoas e isto tem um custo, bem como é uma maneira de mostrar a condição de vida de quem recebe. Desde a comida a ser servida, a arrumação da casa, o som, até a arrumação do pessoal da casa e os detalhes, demonstram a preocupação de quem recebe, "em fazer bonito" para os convidados. Predomina o valor do prestígio, hierarquia e mobilidade social, reforçados através das formas de "receber", que evidenciam a dinâmica da vida do bairro. A modernidade como valor e o significado do vestir-se bem retratam o bairro e seus moradores, mesmo no momento da festa.

Outro tipo de festa familiar são os casamentos e os batizados, que ocorrem, por sua natureza, com menos frequência. Geralmente é comemorado com um almoço, regado a cerveja e quitutes. Tive a oportunidade de participar de um, onde o churrasco foi a grande atração da festa. Depois houve bolos e doces, além de brincadeiras com as crianças.

O fato é que as festas, além de facilitarem a sociabilidade e a integração do grupo, permitem que as pessoas tomem conhecimento de como anda a vida dos "outros" na comunidade, façam um balanço da situação do bairro e de seus moradores, via

bilizando, através da rede de parentes e amigos, apoio para ajudar os que precisam, quando necessário. As festas se tornam assim, espaço para troca de informações informais, vitais para a vida da comunidade, na medida em que estas informações renovam os vínculos de sociabilidade e solidariedade das pessoas do bairro.

A sociabilidade local se completa com as festas de Igreja. Em Aarão Reis as festas religiosas têm uma história curiosa com relação ao "antes e depois" dos dominicanos e das CEBs! Conforme relato dos moradores mais antigos, as festas religiosas, eram muito ricas, com leilão patrocinado pelos fazendeiros - frangos, bezerras - banda de música para receber o padre, foguetes para embelezar a festa. Nos dias de festas dos santos, era comemoração o dia inteiro, toda a comunidade era convidada a participar. Comentam a diferença entre a fartura de antigamente e as festas de hoje, onde as pessoas têm que financiar, com o que podem, as festas da Igreja.

Atualmente, essas festas são promovidas pelos Grupos de Reflexão, orientados pelas freiras e padres. Os grupos se encarregam de dividir as tarefas e já existe um grupo específico para organizar todas as comemorações.

Dentre as festas mais "produzidas" em Aarão Reis estão a quermesse do mês de junho - festas juninas - e a festa de Natal, além de alguns santos que merecem uma festa mais bonita.

A quermesse requer muito trabalho e dedicação do grupo. É preparada durante os fins de semana do mês anterior, quando são então definidas as tarefas e o que é necessário para realizar a festa. A partir daí toda a comunidade é chamada a ajudar, através dos grupos, com trabalho, prendas, comidas, e dinheiro. É um trabalho de equipe que envolve colaboração e competição. Os responsáveis pela quermesse são considerados os "bons" e se destacam como liderança.

A organização da quermesse obedece a critérios de sexo e idade. As mulheres cuidam da comida e da bebida, concentram suas atividades na cozinha. Cabe aos homens a responsabilidade pelos jogos e pelo som. As barracas de comida e bebida são mistas. Os mais velhos cuidam das prendas. Os líderes da comunidade normalmente não se concentram em uma tarefa isolada, mas ficam supervisionando todo o trabalho.

As festas da comunidade estabelecem uma distinção entre os organizadores e o público. Estabelecem um prestígio, uma distinção para aqueles que organizam. Ao público expectador surge, nas festas, a possibilidade de inserção maior na Igreja e na comunidade.

No período anterior à quermesse, é preciso coletar os brindes e montar as barracas. A missa é utilizada como espaço para fazer os pedidos de colaboração e divulgar o dia da festa. Cada um oferece o que pode e os encarregados da organização fazem a "triagem", escolhendo as melhores peças e deixando de lado as ofertas mais precárias.

As participantes femininas dos diferentes grupos tendem a competir na hora dos trabalhos para ver quem fez a melhor comida, enfeitou melhor a barraca. Tudo muito velado e corre mais nas conversas "à boca pequena".

O "cardápio" da quermesse é muito variado: churrasco no espeto, frango para prêmio de bingo, pãe de moleque, bolos, pipocas, salgadinhos, sanduíches de carne moída, cachorro-quente. Nas bebidas o destaque é para o quentão, que também é preparado pelas mulheres.

A quermesse é feita na praçinha frente à Igreja, com barraquinhas montadas, banderolas enfeitando a praça e um som para animar o local. Toda a população local comparece à festa. Os jovens do bairro e de regiões próximas frequentam-na e se divertem bastante. As pessoas não têm muito dinheiro e controlam o que vão gastar nas barracas de comida, para também jogarem bingo, arriscando algum brinde.

A quermesse funciona em horário fixo - 18 às 22h - para prevenir brigas ou acidentes inesperados. Entretanto, raramente acontece baderna, devido à proximidade física do espaço da Igreja, que é muito respeitado.

A festa acontece em junho, mês frio, onde todos desfilam suas roupas novas. A Igreja abre um espaço de sociabilidade e lazer, chamando as pessoas a se divertirem sob sua proteção. As pessoas, em troca, fornecem recursos financeiros para a execução dos projetos do grupo. A quermesse sempre dá lucros e a contabilidade é feita por um grupo encarregado desta tarefa. O dinheiro é revertido para a Igreja.

É interessante observar a ausência dos padres da

quermesse. Eles dão uma "passada" e logo se retiram. Consideram a quermesse como festa dos grupos e que deve se organizar independentemente da participação dos padres.

Esporadicamente são realizadas outras festas, como baile da saudade, que acontece no Centro Social, com música e espaço para dançar. Muitas mesinhas no salão, com um cardápio variado, bebidas... Às mesas, vendidas anteriormente, comparecem as famílias mais tradicionais com toda disposição para se divertir. A renda, mais uma vez é da Igreja.

No Natal, os grupos preparam uma festa na Igreja, com apresentação de pastorinhas, corais, declamação de textos bíblicos. Procuram fazer o mais bonito possível. São feitas novenas nas casas dos participantes dos grupos de oração e, geralmente, é servido um lanche para assinalar a ocasião como dia de festa.

Outras atividades que também podem ser consideradas festivas, são as reuniões e seminários realizados pela Igreja com os Grupos de Reflexão da comunidade e de comunidades vizinhas. Ora é a reunião de toda paróquia e daqueles que militam nas CEBs, ora é um encontro para discutir os trabalhos dos grupos, treinamento religioso e momento festivo. Acontecem periodicamente e, quase sempre, duram um dia inteiro e se realizam no salão do Centro Social. Segundo alguns participantes, a sistemática se desenvolve começando o dia com uma missa; depois os grupos se reúnem para reflexão, sob a orientação de um padre, freira ou seminarista. Pelo meio da manhã um pequeno intervalo para um lanche. Ao meio dia é servido o almoço e depois o tempo fica livre para diversões. O clima pede muita confraternização. No meio da tarde volta-se para a reflexão. É feita uma exposição pelo pároco geral, seguida de debate. Nesses encontros todos são iguais, identificados na condição de católicos e pobres. O caráter de missão do cristianismo é bastante enfatizado, esperando-se que todos sejam capazes de chamar seus irmãos para o seio da Igreja.

Como as pessoas participam de diferentes pastorais, os encontros oferecem a oportunidade de um painel geral das várias atividades pastorais, e uma integração a nível de várias comunidades. Há uma preocupação central com os problemas da sociedade global e o chamamento a uma vocação política para participar do movimento da Igreja. O dia se encerra com apresentação de um trecho da Bíblia para reflexão e cânticos finais. O pároco se despe

de de todos e as pessoas se despedem entre si.

Fica claro nessas festividades a preocupação da Igreja em aceitar as festas como espaço aglutinador das pessoas e espaço de expressão de valores e cultura. A festa é um espaço pedagógico, de união e conscientização da religião católica. A Igreja, ao assumir as festas da comunidade, reconhece a importância destas na reconstrução de uma nova Igreja e uma nova forma de chamar a população para dentro de si.

Com essas observações, pretendo completar a perspectiva de caracterização do bairro de Aarão Reis, bem como mostrar a comunidade e a Igreja dentro de um contexto histórico e social. O método da pesquisa participante permitiu traçar, dentro do possível, um perfil da comunidade, identificar pontos significativos do modo pelo qual certas categorias, para pensar o mundo, são percebidas e acionadas na organização da vivência em comunidade e sua relação com a informação. Esses aspectos identificados eram fundamentais para a criação de uma biblioteca em Aarão Reis, contrariando minha participação daquela comunidade nessa pesquisa.

Falar de um bairro da periferia é falar de uma população marcada por uma série de privações sociais, culturais, bem como pela inexistência de bens que possam garantir condições mínimas de sobrevivência digna. A noção de falta é uma constante no universo dessa grande maioria de pessoas que residem na periferia dos conglomerados urbanos.

Conforme KOWARICK, a abordagem físico-ecológica do que se denomina periferia enquanto bairros marginais, acrescenta-se uma gama de condições sócio-econômicas e culturais, que caracteriza os contingentes que vivem nestas áreas. Do habitat passa-se para uma situação de vida. Baixo nível de renda, educação, subemprego e desemprego, desorganização familiar, falta de participação social são, entre outras, características associadas a esses grupos. (12, p.23)

A periferia cinzenta e poluída das grandes cidades carrega a marca da miscigenação de costumes e usos, de culturas e grupos diversos em busca de uma afirmação própria e da ocupação da área urbana. Há de se acostumar, à força e à revelia, com as privações e carências e tentar elaborar formas de sobrevivência e forma de participação que garantam uma presença e o mínimo aceitável

vel de vida.

Ao falar em Aarão Reis, pretendo demonstrar que a comunidade é um espaço social em que ocorre um processo cultural, no qual a informação está presente nas relações sociais e como instrumento capaz de permitir às pessoas construir uma visão crítica da sociedade e forjarem um sonho de futuro, através do qual vão alimentando suas lutas presentes.

3 - COMEÇO DE CONVERSA: UMA BIBLIOTECA...

Minha história em Aarão Reis se desenvolveu com uma preocupação constante em iniciar um processo que possibilitasse o acesso das pessoas da comunidade aos bens culturais e, especificamente, à biblioteca e seu acervo de informações, importante, a meu ver, como apoio e para o desenvolvimento do grupo em sua totalidade.

Fundamentalmente considerava que a noção de informação como bem cultural e direito do cidadão tinha que ser também, compartilhada pelas pessoas da comunidade para que, juntas, pudéssemos trabalhar a possibilidade de criação de uma biblioteca no bairro.

Via o nível de politização de uma comunidade caracterizando-se, dentre outros atributos, pelo seu acesso e uso de informação no cotidiano e para resolução de seus problemas. Quando atingido esse nível, a informação passaria a ser importante, tanto para as pessoas individualmente, como para a comunidade e o bairro como um todo. A vida comunitária, dentro de minha perspectiva, pressupõe democracia e este binômio, por sua vez, somente se concretizaria através da democratização da informação. Assim, seria necessário aumentar o grau de participação das pessoas na comunidade, como cidadãos, e desenvolver meios que permitissem o livre acesso à informação, levando-as a se conscientizarem de seu potencial e de seu papel na comunidade.

Considerava também que a comunidade precisava discutir e captar um conceito de informação para o bem comum, coletivo, como instrumento capaz de gerar reflexão e soluções para seus problemas. A informação útil, reconhecida como bem social, direito do cidadão, tão importante e necessária quanto a educação, o trabalho e a saúde. Ao lado desta, uma informação para cidadania, base revolucionária para a reorganização política da comunidade, em bases de maturidade e independência (inclusive no domínio da Igreja).

Nessa perspectiva a proposta era realizar a pesquisa e criar, junto com a comunidade, uma biblioteca que, após minha saída, pudesse ser gerida pelas próprias pessoas do lugar. O trabalho começou no final de 1983, com visitas às reuniões dos

Grupos de Reflexão, às quais fui levada pela professora Maria de Lourdes Rocha, da Faculdade de Educação da UFMG, moradora do bairro.

Paralelamente a essas reuniões comecei a frequentar a Igreja, a escola pública e outros espaços de reunião, a fim de ampliar meu universo de observação e captação da vida do bairro. Assim, fui conversar com os professores e, alunos nas escolas e, na Igreja, com os padres, as pessoas da Ordem dos Vicentinos e dos Grupos de Reflexão.

Comecei um trabalho junto à Escola Pública Antonio Clemente, onde realizei uma pesquisa exploratória para identificar o conceito de biblioteca dos estudantes e, principalmente, uma maneira de chegar aos seus pais posteriormente. Desenvolvi atividades lúdicas nos horários de recreio e, em cada turma especificamente, no horário de aula, quando o professor nos cedia o espaço. Este trabalho teve uma boa repercussão junto à comunidade, pelos comentários e curiosidade que gerou entre os pais e filhos. Após as atividades com as crianças, analisei o material - redações e cartazes - e discuti com a direção da Escola uma proposta de implantação da biblioteca escolar. Esperei por meses uma resposta da escola e como não obtive, fui tentar o apoio da Igreja.

Meu contato com o Pároco geral e o diretor do Centro Social foi extremamente proveitoso, na medida em que o projeto apresentado se enquadrava em seus objetivos de criação de uma biblioteca no Centro Social.

Nesse momento, decidi desenvolver o projeto da biblioteca dentro do Centro Social, com o apoio dos padres, dos Grupos de Reflexão e Ordem dos Vicentinos. Tinha claro as dificuldades desta decisão, por conhecer as próprias dificuldades da Igreja junto à comunidade e até uma certa rejeição pelo Centro Social por parte de alguns paroquianos.

Aarão Reis, caracterizada, aparentemente, com uma comunidade sem movimentos reivindicatórios políticos organizados, com uma associação de moradores desarticulada, com ausência, por parte da maioria das pessoas, da noção de direitos e deveres, sócio-políticos, com uma Igreja e uma escola que trabalham separadas - a própria condição das desigualdades econômicas e sociais da população do bairro - revelou-se também uma comunidade ansio

sa por melhorias, disposta a participar e trabalhar por condições de vida dignas, traduzidas, naquele momento, pela criação da biblioteca.

Nesse contexto de contradições e conflitos, é que realizei a pesquisa, a qual deveria se desenvolver conforme as exigências dos acontecimentos e o movimento interno da comunidade.

A própria dinâmica da pesquisa demonstrou-me que os fenômenos estão em constante mudança. O novo e o velho estão em contínua interação. Segundo GOHN "não basta pesquisar um fenômeno hoje e darmos um veredicto amanhã. Será falso. Ela já se alterou. O que temos a fazer é delinear seus processos, suas tendências e significados. Se a pesquisa for completa, apanha o essencial, o que é aparente, à medida que ela se aprofunda apreende os nexos internos da problemática, ou seja, apanha as aparências e retrabalha-as, dissocia seus elementos constitutivos, desagrega-os, para captar suas determinações seus conflitos". (9, p.19-20) A partir disso, minha proposta ficou vinculada ao momento que estava vivendo a comunidade, as discussões internas, as relações de poder, enfim, todas as situações inerentes à realidade do lugar. É obvio que a comunidade se retrata também pelas relações de amizade pela compreensão, pelo sentimento de tradições muito forte, com um processo de relação acentuado e manifestado culturalmente, que, inclusive a Igreja, congrega a partir dos grupos que trabalham com ela e que são extremamente significativos do bairro.

No momento em que fui trabalhar na criação da biblioteca, no Centro Social, foi bem significativa a atuação dos padres e das pessoas da comunidade. Foi importante para eles, todos, que a biblioteca fosse instalada lá, como mais um serviço a ser usado, como forma de desenvolvimento cultural e informacional e como espaço de discussão e convergência da comunidade.

O processo de envolvimento e participação dos grupos da Igreja na criação da biblioteca concretizou-se através de minha participação em inúmeras reuniões, onde levava a proposta da biblioteca e discutíamos as formas de viabilizá-la.

Desenvolvi discussões de grupos para conhecer os problemas da comunidade e o que estava fazendo para solucioná-los. Para viabilizar tais encontros, distribuí convites mimeografados

para as pessoas, no horário das missas e nas escolas do bairro. Estas reuniões tiveram como tônica os problemas e não as soluções possíveis. Não era percebido pelo grupo que, somente com sua organização e mobilização, as dificuldades poderiam ser resolvidas. A concepção paternalista fazia com que elas acreditassem que eu, enquanto pessoa de fora, seria capaz de resolver os problemas da comunidade.

Nesse movimento de idas e vindas com os grupos, onde a real disponibilidade de cada um e o nível de colaboração ficou definido, iniciei uma campanha de doação junto à comunidade, campanha essa que tinha por objetivo a participação da comunidade na criação da biblioteca, desde a formação de seu acervo. Divulguei a campanha através de cartazes, que foram afixados na Igreja e nas escolas. Utilizei também o horário das missas e dos Grupos de Reflexão. Como resultado, obtive muitos livros didáticos e algumas revistas em quadrinhos. Fiz uma seleção, baseada em critérios biblioteconômicos, do que poderia ser utilizado e descartei o imprestável. Basicamente, o acervo inicial da biblioteca formou-se deste material e de algumas coleções de livros doados pelos dominicanos, completado posteriormente com doações de livrarias e de pessoas estranhas à comunidade.

O espaço físico reservado à biblioteca estava situado no primeiro andar do Centro Social, uma sala ampla, com janelões no alto, ventiladores, estantes e uma mesa com algumas cadeiras. O ambiente da biblioteca ficou definitivamente formado depois que eu e dois jovens da comunidade organizamos o espaço.

Feito isso, tornou-se necessária a presença de pessoas da comunidade que se encarregassem do atendimento ao público, além dos serviços técnicos para organização do acervo. Minha proposta desenvolveu-se através de um curso para auxiliares de biblioteca, que foi divulgado na comunidade e por mim ministrado durante o período de quinze dias. Ao final, foi contratada uma jovem local, que passou a ser funcionária do Centro Social, responsável pela biblioteca. O Centro Social deu a infraestrutura necessária para o seu funcionamento. Não houve inauguração formal; ela foi aberta e as pessoas avisadas através de convites, distribuídos pelo bairro.

A biblioteca iniciou seu funcionamento no horário da tarde, com um pequeno acervo composto de duas coleções de referência, livros didáticos, romances, revistas e informações utilitárias.

rias - respostas a problemas nas áreas de saúde, emprego, legislação, educação, lazer e moradia - organizado de forma simplificada dentro das normas biblioteconômicas.

Os serviços prestados eram o atendimento à pesquisa escolar e as atividades para o público infantil, ambos bastante procurados devido a ausência de bibliotecas escolares na região. Essas atividades se caracterizam pela ampla participação da garotada, que esperava sentada na calçada a hora de abrir a biblioteca e poder brincar à vontade.

Nesta fase de desenvolvimento das atividades alternativas, associou-se a nós o projeto "Biblioteca ação cultural e reprodução de audiovisuais", sob a coordenação da professora Ana Maria Cardoso de Andrade da Escola de Biblioteconomia da UFMG, utilizando o espaço que eu conquistara na comunidade. Essa associação viabilizou a participação de outros setores da Universidade também interessados na pesquisa. Foram, assim desenvolvidas a hora do conto, história coletiva, pinturas em grandes painéis, mas o grande interesse ainda, não era pelo livro e sim pelos brinquedos e revistas em quadrinhos disponíveis na biblioteca. A professora Ivone Luzia Vieira, da Faculdade de Educação da UFMG, desenvolveu, dentro das atividades de arte-educação, um excelente trabalho de sensibilização e conscientização ecológica com as crianças, que foi muito interessante e proveitoso. Foram também realizados concursos para que as crianças escrevessem histórias, de forma a motivar a leitura de lazer e desenvolver nas crianças a percepção crítica do ambiente físico e social.

Enquanto a biblioteca funcionava nesses moldes, procurei as lideranças locais para expor a proposta de realizar a história oral do lugar, através das técnicas de história de vida e entrevista livre. O resgate da memória oral da comunidade teve por objetivo a preservação e divulgação da cultura popular, pelo registro do testemunho dos que fazem essa cultura e, através destes, a formação de um acervo com a memória viva do lugar. A preocupação era o registro da história de um povo que, por não ter condições de registrá-la, vê sua história diluir-se no tempo, fato que contribui para aumentar cada vez mais o processo de aculturação das classes populares.

A proposta de resgate da memória foi colocada para as lideranças da comunidade, que indicaram várias pessoas pelo cri

tério, previamente estabelecido, de idade, participação e vivência na vida coletiva do bairro e importância no lugar. Foram selecionadas 13 (treze) pessoas: o pároco; um ativista da Igreja e morador há quarenta anos; o vereador do bairro e morador antigo; a esposa do vereador e participante ativa do movimento da Igreja; a professora da primeira escola e moradora há vinte anos; uma moradora há quarenta anos e participante do movimento da Igreja desde sua criação até hoje; um morador e participante ativo da comunidade, morando há quarenta e cinco anos em Aarão Reis; uma líder da comunidade e moradora há cinquenta anos, filha de político influente na época; um integrante da Ordem dos Vicentinos, morador há trinta anos; um comerciante local, morador há quarenta e dois anos; a senhora mais idosa do local, com oitenta anos; e outra mulher, parteira da região por mais de trinta anos.

Basicamente, pretendia conhecer e registrar as formas de sobrevivência, as festas, o comércio de Aarão Reis, desde sua criação até os dias atuais. O roteiro foi elaborado conjuntamente, consistindo das seguintes questões norteadoras: como era esse lugar quando o senhor(a) chegou aqui? - como surgiu Aarão Reis? - que tipo de trabalho as pessoas realizavam? - que tipo de organizações sociais existiam? quais eram as diversões do lugar? - como era o comércio?

Depois da escolha das pessoas e elaboração do roteiro, iniciei um processo de aproximação com os entrevistados que consistiu em várias idas a suas casas, com muita conversa e cafezinho. Depois disso, foi possível marcarmos uma conversa mais formal sobre a história de cada um na comunidade.

Todas as pessoas escolhidas receberam-me muito amavelmente. As conversas, sempre muito longas, foram gravadas. Foi-me possível observar a surpresa e aprovação por terem seus nomes escolhidos para contar a história do bairro. Ao sentimento de alegria misturava-se o de baixa auto-estima, pois não entendiam o porque de terem sido escolhidos entre tantas pessoas da comunidade.

A lembrança do passado, que ficou nessas pessoas, foi de uma vida marcada pelo sofrimento, mas também como uma época boa e de fartura. Elas se deram ao máximo, tentando resgatar e reproduzir os fatos, tal como aconteceram antigamente. Foi comovente a forma como se colocaram diante da vida, relatando os conflitos de idéias e gerações, a participação dentro da comunidade e o paulatino afastamento da vida comunitária pela entrada dos novos.

Esta prática deu-me um profundo respeito pelos velhos da comunidade, por toda a sabedoria e experiências que transmitiram. Elaboramos uma relação extremamente afetiva, que me sensibilizou profundamente e que me permitiu situar o bairro historicamente, de forma a perceber melhor a postura das pessoas frente às situações locais.

A solução encontrada para divulgar a história descrita pelas pessoas de Aarão Reis foi uma grande festa na biblioteca. A festa se desenvolveu em torno de uma exposição de fotos antigas do lugar e a audição de partes das gravações da história, pois a intenção era juntar ao audio da história gravada, um visual da localidade, na interação dos presentes.

Para isso, mobilizei a comunidade no sentido de emprestar as fotos do lugar, que as pessoas tinham em casa. O pedido foi feito na missa - que era o melhor local para as comunicações - na escola e, também, no fotógrafo que mora na região. Consegui uma mostra razoável de fotos que foram expostas na sala da biblioteca, com um pequeno texto descritivo da imagem.

Observei durante a exposição que a curiosidade das pessoas era aguçada ao ver fotos antigas, próprias e de parentes ou amigos. Os jovens achavam interessante ver as pessoas e o lugar de uma outra ótica que não a deles.

A forma que utilizei para resgatar e preservar a história - audiovisual - foi essencialmente proveitosa em alguns aspectos. O processo de produção, em que as pessoas estavam criando e recontando o seu saber e onde este saber foi repassado à comunidade, é um aspecto que reforça a possibilidade e necessidade de manter no acervo da biblioteca o saber dito popular, fazendo com que as pessoas se sintam parte viva e integrante da biblioteca, pois sabem que nela encontram documentos que têm relação com seu mundo. A impropriedade dos acervos convencionais para as classes populares, provavelmente, seja fator determinante para que elas não utilizem as bibliotecas. Na medida em que esses acervos passem a ter o significado e relação com a vida e a cultura dessas pessoas, as possibilidades de convívio e utilização começam a aparecer.

Também como forma de divulgar a biblioteca para um segmento da comunidade - os idosos - e para mostrar que o espaço da biblioteca pode e deve ser utilizado pela comunidade para suas atividades culturais, a comemoração foi muito proveitosa.

Constatai que a afluência às atividades da biblioteca era pequena em relação ao que desejava. Entretanto, não deveria esperar muito de pessoas para as quais inexistia um conceito real de biblioteca, além do pouco hábito de participar dos acontecimentos da comunidade. Àquela época, imaginava que somente uma programação dinâmica e um concreto envolvimento da biblioteca na vida do lugar seria possível reverter esta situação, sob pena da biblioteca desaparecer com seu trabalho isolado e distante das expectativas e necessidades da comunidade.

Na realização da história de vida, evidenciou-se, que, mesmo expropriados culturalmente e submetidos ao poder de uma ideologia dominante, os sujeitos, representantes de uma classe de pessoas sofridas e espoliadas pelo sistema vigente, possuem formas de criar e recriar seu estilo de vida. Formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer. Na comunidade, o homem de periferia preserva e reinventa códigos próprios de relações sociais, preserva sistemas complexos de crenças e cultos da religião e da filosofia popular.

A experiência com a leitura dos documentos, deixa como resultado o reconhecimento de que nada na comunidade, por menos que transpareça é estático. A todo instante as pessoas estão assimilando novas ideias e produtos, de maneira significativa. Suas crenças e formas de ver o mundo são "o resultado de um modo de vida que, culturalmente expropriado e politicamente subalterno, nem por isso deixa de ser significativo e eficaz" (4, p.17) É este movimento de recriação e vida da comunidade que a biblioteca tem que captar para fazer parte do contexto das pessoas e do lugar.

A dimensão social do saber popular é reconhecidamente eficiente dentro da comunidade, por ser tido como verdadeiro a partir do ponto de vista da classe social. Assim, ouvir um depoimento sobre lobisomem "faz parte de um complexo sistema de símbolos e conhecimentos do modo de vida da classe: suas relações com a natureza entre as pessoas, rede e grupos dentro, e fora dos limites da classe". (4, p.18)

Os depoimentos - da parteira ao político - configuram um modo peculiar de existir, demonstram social e existencialmente aquilo que difere um grupo de outro. É o que estabelece a especificidade do homem da periferia face ao homem essencialmente urbano; do operário frente ao patrão; do explorado frente ao explorador.

Uma outra percepção é a de como se estabelece a reprodução do saber na comunidade. Na prática cotidiana estabelece-se a reprodução através do grupo doméstico (marido, mulher, filhos, e parentes agregados), que reproduz a prática econômica; a parentela (avós e netos, tios e sobrinhos) que reproduz as relações sócio-afetivas de efeito socializador. Netos aprendem com avós -se já em trabalhos domésticos, seja na lavoura - um ofício determinado. Esta lógica de reprodução faz parte de uma ordem do lugar. Uma ordem própria de trabalho, de saber e de garantia de identidade comunitária.

Com a história de vida, ficou nítida a dimensão política que a comunidade possui com relação ao saber popular: eles se utilizam dos serviços e benefícios que lhes são oferecidos, mas não participam ativamente. Provavelmente alguma liderança se envolve, mas a comunidade como um todo não assume e não incorpora à sua vida serviços de promoção social, venham de que esfera vierem. Isto não significa apatia, mas simplesmente oculta a estratégia de resistência popular. Uma forma de oposição de classe à aqueles que lhes invadem o território de vida, trabalho e símbolos. Território não somente geográfico, mas um espaço social de classe que estrutura relações e trocas de serviços entre as pesoas da comunidade.

É preciso não subverter a ótica do que concretamente acontece na prática da comunidade. Não é porque são desorganizados socialmente ou atrasados culturalmente que os sujeitos e grupos populares não assumem os serviços. Eles os utilizam, mas resistem aos poderes da sua ação mediadora. Possuem a prática coletiva de separar o que é "nosso" do que é "deles"; usam o que é para ser usado, apropriam-se do que pode ser apropriado, participam daquilo que se pode participar e o incorporam à sua prática social.

Dentro desta perspectiva, o papel da biblioteca na comunidade tomou um contorno bem claro, no sentido de que, enquan

to a biblioteca não fosse incorporada à vida da comunidade, não fosse sentida como necessária, as pessoas não a utilizariam como espaço seu. Seria mais um serviço estranho ao mundo delas. Reverter essa perspectiva modificou a forma de encaminhamento da biblioteca e sua sobrevivência ficou vinculada à participação efetiva da comunidade. Um risco que se correu, mas a única forma de ela ser realmente da comunidade.

Participação colocada no sentido de a comunidade gerir a vida da biblioteca, sem muita interferência externa. Este comportamento exige a transformação da consciência popular, que se deve assumir, não como consumidora de bens, mas como agente das transformações sociais de teor político. Assim, a biblioteca transforma-se em espaço para a comunidade exercer uma participação social, segmentada na consciência da cidadania coletiva.

O elenco de atividades que vinha desenvolvendo na biblioteca tinha como objetivo motivar seu uso não somente para a leitura, como também para as atividades culturais e políticas próprias da comunidade. Nesse sentido, passei a preocupar-me com a produção artística da comunidade que possuía vários artesões, pintores, bordadeiras, etc. Resolvi envolver a biblioteca no trabalho de promoção e valorização desses artistas, através da realização de uma feira ("bazar") para exposição e venda de seus trabalhos.

Apresentei a proposta aos Grupos de Reflexão que aceitaram-a, indicaram a forma de ativação do evento, bem como criaram uma comissão para realizá-lo. A divulgação, mais uma vez, foi feita durante o horário da missa, chamando os artesões a se cadastrarem na biblioteca e participar do bazar. Feito o cadastro - ficha com dados de identificação sobre a pessoa e o tipo de trabalho manual que confecciona, escolhemos juntos, o local e data para realização do primeiro bazar: Centro Social Frei José Renato, num domingo, em virtude da missa. O Centro de Audio-Visual da UFMG, fez a produção de cartazes para divulgação do evento junto à comunidade, cartazes esses que foram espalhados nas linhas de condução que serviam ao bairro e adjacências, nas escolas, nos bares e demais locais públicos. Coloquei anúncios nas emissoras de rádio AM e FM e em jornais de grande circulação em Belo Horizonte, a fim de divulgar o máximo possível junto às outras comunidades, procurando garantir um público razoável no dia da exposição.

O bazar aconteceu durante o dia programado, com as pesoas inscritas expondo os trabalhos mais variados: peças em cerâmica e em madeira, flores em tecidos, roupas e sandálias de crochê, objetos utilitários em plásticos e cerâmica, bichinhos de pano, etc. A frequência das pessoas da comunidade foi considerada boa. Houve muitas vendas e, com isso, novas oportunidades para os expositores surgiram. Entretanto, percebi que o fato de ter-se realizado no Centro Social afastou parte da comunidade. Na reunião de avaliação da exposição decidimos que a feira teria um caráter permanente e que se realizaria quinzenalmente na praça da Igreja. A partir dessa decisão, os artesões passaram a ser os responsáveis pela manutenção e divulgação do bazar. A biblioteca seria o local para reuniões e discussões do grupo sobre as questões referentes à arte e cultura locais, bem como as formas para resgatá-las e divulgá-las.

Uma atividade que desenvolvi junto a biblioteca, visando aproximar e motivar a participação das pessoas, bem como elevar sua qualidade de vida, foi a de concursos literários e culinários. O concurso literário - tema "o bairro visto pelos jovens" - pretendeu, não só identificar os valores artísticos, em termos de imaginação e criatividade, mas também chamá-los à leitura de lazer e conscientizá-los dos problemas locais. O resultado foi o esperado: algumas crianças se inscreveram. Assim, selecionamos os três melhores, entreguei os prêmios em livros, divulguei as histórias vencedoras no flanelógrafo da biblioteca e as li para as crianças na hora do conto. Os vencedores ficaram bastante satisfeitos, tanto com o prêmio quanto por verem suas historinhas contadas para as outras crianças, que acharam interessante seus colegas terem escrito histórias tão bonitas.

Posteriormente, conversei com várias crianças frequentadoras da biblioteca para sondar sobre o efeito do concurso sobre a leitura e percebi que o interesse delas não era voltado para essa prática e sim para os jogos de futebol, soltar pipa, as bolas de gude, enfim, brincadeiras que fazem parte do seu universo existencial próximo. Esse comportamento era compreensível por três razões evidentes: seus pais, com nível salarial baixíssimo, não podem comprar livros e nem lêem; ademais não existe em suas histórias de vida qualquer prática de leitura além da exigida pela escola; e o lazer em suas vidas é preenchido com brincadeiras de rua.

O concurso culinário contou com um número bastante ex

pressivo de participantes. O objetivo era incentivar a utilização dos alimentos de forma econômica e nutritiva. As receitas deveriam seguir esta orientação, evitando disparidades entre os participantes. Foi formada uma comissão julgadora entre as mulheres da comunidade e selecionadas as cinco melhores receitas. Marcamos um dia de domingo na biblioteca para onde foram levados os pratos selecionados, já preparados, e fizemos uma festa com a participação aberta à comunidade. Os prêmios foram prendas domésticas e a publicação das receitas participantes em livrinhos mimeografados, que foram posteriormente distribuídos à comunidade. A experiência com as mulheres teve como resultado a percepção por parte delas de que a biblioteca não era útil somente às crianças, mas também a elas como lugar de discussão de seus problemas e onde poderiam aprender e receber informações importantes para suas vidas.

As possibilidades de realização de atividades que promovam a biblioteca e ampliam sua relação com a comunidade são inegotáveis. Entretanto, tal processo deve ser entendido como uma ação pedagógica da biblioteca, visando uma formação de consciência e a recuperação da noção de cidadania.

A biblioteca deve ser valorizada por fornecer conhecimentos e ser espaço para a população falar sem medo de seus problemas e ser ouvida. As pessoas podem recuperar o sentimento de valorização e dignidade humana, pelo fato de serem chamadas a participar, levando-as a perceber que a mobilização em torno da biblioteca pode levá-las a uma união visando às lutas diárias da comunidade.

Todos esses serviços alternativos que uma biblioteca de periferia pode prestar à comunidade, sem paternalismo e sem imposições, requerem uma longa caminhada de idas e recuos, até a comunidade perceber que não está sendo desapropriada ou espoliada de seu modo de vida. É preciso gerar acontecimentos com a finalidade de promover a biblioteca junto à comunidade, mas dentro disso mostrar a proposta do trabalho comum, da redefinição de perspectiva por melhorias de vida coletiva.

Com relação ao serviço de informações utilitárias,*

* Informações de utilidade cotidiana, nos setores de educação, saúde, emprego, legislação, lazer e moradia.

achei importante que dados e orientações dessa natureza constassem do acervo da biblioteca, para serem repassadas às pessoas, de forma oral, pois constatei nas reuniões de grupo, as dificuldades em obter informações dessa natureza, de forma sistematizada. Tais dificuldades traduzem-se na falta de conhecimento das fontes prováveis e de condições para leitura - porque as pessoas não sabem ler ou não interpretam o que lêem - além da escolaridade deficiente e da falta de recursos financeiros para obter livros, jornais, etc.

As categorias de informação utilitária escolhidas são aqui descritas:

Saúde: problemas com assistência médica, hospitalar e dentária; como onde e a quem recorrer para a solução de problemas ligados à saúde, planejamento familiar, prevenção de doenças e vacinação.

Emprego; problemas de obtenção, estabilidade ou flutuação no emprego, a conciliação do trabalho fora de casa com as tarefas domésticas.

Legislação: problemas com obtenção de documentos; conhecimento de deveres e direitos legais; assistência jurídica; existência de associações de moradores; aposentadoria e obtenção de benefícios.

Educação: problemas com obtenção de vagas nas escolas públicas; abandono das escolas pelos filhos; repetência; alfabetização de adultos; educação profissionalizante; obtenção de bolsas de estudo; orientação sexual para os filhos; educação para adultos (escolas de pais, trabalhos manuais, artesanatos, alfabetização).

Lazer: problemas relacionados ao lazer, tipos preferidos de distração; obstáculos ao lazer.

Moradia: problemas com posse de terra; aluguel; desfavorecimento; serviço de água e esgoto. (23, p.133-4)

Minha proposta não era somente informar sobre determi

nado problema, mas passar esta informação de forma crítica, discutindo a relação da informação com a cidadania* - o indivíduo, a sociedade e o Estado - isto é a relação entre direitos e deveres sócio-políticos.

Inspirava-me para tal nos centros de documentação alternativos, já existentes no Brasil, os quais funcionam divulgando informação significativa e dados gerados pelas instituições e movimentos populares, constituindo-se num banco de dados eficiente e preciso para os grupos a que pretende servir. Esses centros trabalham com qualquer peça de informação (uma anotação pessoal, uma fotografia, um recorte de jornal, uma caixa, etc.) que, devidamente processada e divulgada, atingirá os objetivos desejados, isto é, informará eficazmente e dará apoio ao cidadão.

A utilização de técnicas de documentação nesses centros é feita através da adaptação dos sistemas convencionais para oferecer informações reais, corretas e significativas.

Os objetivos básicos são: atendimento das necessidades de informação dos movimentos populares de acordo com os seus interesses, troca de experiências e articulação com outros centros de documentação, bem como a preocupação com a memória dos movimentos.

A esta época, com o objetivo de orientar o trabalho na comunidade de Aarão Reis, contactei alguns centros - abaixo especificados - que possuem publicações periódicas sobre os mais variados temas da vida nacional, voltadas para as classes trabalhadoras:

- Centro de Reflexão e Documentação - CED - Goiânia, Go;
- Tecnologia Alternativa na Promoção da Saúde - CEDAC - Rio de Janeiro, RJ;
- Centro de Ações Comunitárias - CEDAC - Rio de Janeiro, RJ.

* Cidadania é aqui considerada atributo do indivíduo, no gozo pleno dos direitos civis e políticos de um Estado, bem como na responsabilidade de seus deveres para com esse Estado e seus cidadãos. No escopo deste conceito, a informação para cidadania propiciaria ao indivíduo sua conscientização quanto a tais direitos e deveres.

Serviço de Documentação - Petrópolis, R.J., e
Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Rio de Janeiro, R.J.

A partir das discussões de grupo, identifiquei os vários problemas que afligiam a comunidade e recolhi junto às instituições competentes as informações que seriam úteis ao bairro, como: datas de matrícula nas escolas públicas; concursos públicos; serviços de saúde; cursos promovidos por instituições públicas. Feita a coleta desses dados, armazenei as informações na biblioteca. A partir de então evidenciava no flanelógrafo cada semana um tipo diferente de informação, além de divulgar o serviço na hora da missa. A proposta era atualizar as informações periodicamente. Entretanto, por limitações internas, o serviço foi desativado e só recentemente reaberto pela comunidade.

Verifiquei que a informação utilitária entre os moradores de Aarão Reis é, basicamente, obtida de maneira não formal, comunicada pelos vizinhos, parentes e amigos. Assim, as informações sobre o emprego do marido, a data de matrícula na escola para os filhos ou como tirar carteira de identidade eram conseguidas informalmente através de comunicação oral.

"Minha vizinha, o pouco que ela sabe, avisa pra gente. Ela sabe mais porque trabalha na cidade". (mulher)

"Geralmente quando as coisas acontecem aqui, a gente fica sabendo pelo vizinho ou parente". (mulher)

"O boteco é o centro de encontro dos homens, e no boteco se transam todos os assuntos". (homem)

"A notícia corre com muita facilidade. De boca em boca, uns transmitem para os outros". (homem)

Esta rede de informações passa pela conversa informal, nas rodas de reunião dos grupos. Com os homens, as informações circulam também nos botecos, por ser o lugar de muito trânsito e nos bate-papos da esquina. Fala-se sobre tudo: da vida das mu

lheres à vida dos filhos; o trabalho; a Igreja; e os acontecimentos políticos e sociais.

O centro de comunicação informal de Aarão Reis, segundo os moradores, ainda é a Igreja - coerente com sua proposta de valo rizar as pessoas da comunidade, como trabalhadores que fazem parte do processo produtivo e em sua dimensão pedagógica, tentando despertar a comunidade para que se realize na história. Entretanto, é importante ter-se presente que, dentro do universo deste trabalho, a Igreja é ponto de informação porque a população estudada é católica e, em sua maioria, frequentadora das atividades da Igreja. Porém torna-se oportuno repetir que existem na região outras religiões (Assembléia de Deus, Batista, Espírita, Presbiteriana), que também têm sua força e que, provavelmente, seus espaços de oração sejam igualmente convergentes de comunicação.

"O pessoal daqui fica sabendo mais das coisas pela Igreja, através dos grupos de oração. Ali eles trocam idéias uns com os outros". (mulher)

"... mas a gente sabe das noticias, além da Igreja, pelo rádio". (ho mem)

"A informação é mais pelo pessoal de grupo, ou através da Igreja; algumas vezes pela escola". (mulher)

Outra questão importante a destacar diz respeito ao conceito que as pessoas têm sobre a informação como uma noção bastante difusa, que significa saber de tudo. Impera entre elas o senso comum de que a detenção de informação ("saber") é uma forma de crescer, sendo isso possível através da união e da disponibilidade das pessoas em quererem resolver os problemas pelo conhecimento. Assim, vê-se que informação, saber e conhecimento são tomadas como equivalentes naquela comunidade. Geralmente as pessoas tidas como bem informadas são aquelas que, ou têm um nível de escolaridade maior ou participam ativamente da vida comunitária. Intuitivamente os sujeitos da pesquisa aprendem a pluralidade de uma abordagem holística do conhecimento, totalizando teoria e prática, erudição univer

sal e cotidiano singular, tal como definido por MAFFESOLI (15, p. 208) em sua epistemologia do cotidiano.

"Eu acho minha irmã legal, por que ela sempre se comunica com a gente por telefone e ela é enfermeira". (mulher)

"O que é mais preciso mudar é a conscientização de que as coisas aqui só vão melhorar a partir do momento em que nós todos participamos juntos para um trabalho conjunto. O próprio povo não tem consciência dos direitos que têm". (homem)

"Acho que se esse pessoal estivesse informado, acho que eles estariam sempre dispostos a trabalhar por um objetivo só, né? Você está informado, você tem mais disponibilidade". (mulher)

A necessidade de informação expressa pela comunidade foi diretamente vinculada à resolução dos problemas locais, extrapolando, algumas vezes, para a questão do difícil acesso dos indivíduos aos bens universais da educação e da cultura. O tempo e nível da informação que circula no bairro é, muitas vezes, acidental, fragmentado ou incorreto, retratando as carências do lugar onde circula. A falta de informação crítica sobre as condições de vida do grupo, bem como a ausência de conhecimento sobre os possíveis mecanismos de pressão popular contribuem para a não participação das pessoas nos movimentos reivindicatórios da região.

"Acho que deveria ter mais orientação para os problemas familiares, com projeção de slides, porque a leitura é difícil, eles não aguentam ler. Eu acho que um certo desenvolvimento político, uma

certa filiação a partido político, uma criação de uma associação. Isto é que faz falta no bairro". (mulher)

Mesmo tendo colocado a leitura de jornal e livro como veículo de informação, estes não são utilizados, por várias razões, desde a questão econômica até a questão do analfabetismo ou a falta de hábito de leitura.

Os meios de comunicação mais populares, mas pouco citados como fonte de informação, foram o rádio e a televisão. Isto é certamente devido à percepção de informação que captaram como de interesse da pesquisa ter sido relacionada com a esfera mais ampla da sociedade.

Dentro desse quadro de marginalização em que vivem as pessoas da comunidade de Aarão Reis, constatei que a negação à informação vai desde o tipo de informação que é passada na escola (que nega a cultura do povo), incutindo os valores da classe dominante) até a Igreja (que não trabalha a palavra de Deus com um verdadeiro sentimento de libertação do povo).

É preciso pensar a partir desse quadro, que a biblioteca cabe promover o acesso das camadas marginalizadas da sociedade à informação, através de uma redemocratização da leitura e pela transmissão oral de conhecimentos, chamando também as pessoas que não sabem ler a vivenciarem a biblioteca. Por analogia com o professor-alfabetizador e como colaborador desse, pode-se dizer que, na sua função política, o bibliotecário leva o indivíduo, até então marginalizado, "a penetrar no universo do construído, do civilizado, das coisas feitas pelo homem, da literatura, da técnica, da ciência e das artes" e, assim fazendo, "altera-se o perfil social do homem, pois ele se vê transformado em homem político e participativo". (25, p. 98)

É urgente discutir-se a situação de isolamento cultural em que se encontram comunidades periféricas do tipo de Aarão Reis. Aí, a biblioteca deve se colocar como espaço para ampliar a discussão da cultura do trabalhador, da cultura elaborada com o trabalhador, espaço esse em que se refletiam criticamente as questões do seu dia a dia.

Certamente não conseguiremos democratizar a biblioteca

enquanto a democracia da sociedade não se fizer. Entretanto, não podemos esperar que essa democratização nos seja simplesmente do da. Ela faz parte de uma luta mais ampla pela democratização da cultura. Muitas conquistas foram realizadas nos últimos anos. Ao lado do debate e reflexão do assunto, toda uma prática de comu ni ca ção e educação populares têm-se desenvolvido. Experiências com bibliotecas comunitárias têm surgido no Brasil. Apesar de inci pi en tes, são tentativas de fazer chegar às comunidades uma bibli o te ca comprometida com as classes marginalizadas. É um trabalho conjunto - povo e bibliotecário - dentro de um processo de parti ci pa ção e criação cultural. É um novo caminho para a questão da cultura e da biblioteca, em uma perspectiva mais ampla da própria biblioteca. Através dessas práticas populares é que se pode sen tir os tempos mudarem. Não resolve somente saber que se lê pou co. O que importa é perceber uma vontade muito grande das pes so as, uma motivação, ainda que em crescimento, de ler e se in for ma r.

Não tenho nenhuma dúvida de que a prática política, na qual paulatinamente se envolve a classe trabalhadora brasileira, nos sindicatos e partidos, faz com que ela perceba a importância de debruçar-se sobre sua própria vida, através da informação.

É inegável que essa emancipação implica a aquisição de novos elementos culturais. Pode-se dizer que depende da con qui sta de toda uma nova maneira de pensar, organizar-se, atuar. Ao lado de outras implicações, é óbvio que essa emancipação se ba se ia principalmente numa ampla cultura política, obtida nos movi men to s sociais, e que implica organização, teoria e prática.

Qualquer aquisição só se torna prática, isto é, só se transforma em força social, se conquistar as pessoas da comu nida de, se ressoar no seu modo de vida, no seu pensar e atuar. O novo só será renovador se efetivamente responder e corresponder aos elementos e articulações culturais inerentes às suas con di ções de vida e trabalho. Ou seja, a emancipação das classes mar g inal iza das depende da recriação de seu patrimônio cultural, em suas potencialidades. Ao mesmo tempo, em que se realiza uma aqui si ção cultural, esta e o patrimônio cultural existente recriam-se em conjunto. Assim, a prática pode se tornar criativa ou mesmo revolucionária.

Cabe reconhecer qual é o patrimônio cultural da clas se trabalhadora. Há um universo de linguagem, representações, ima

gens, idéias, explicações que obviamente constituem um acervo fundamental. Toda sua história é parte importante da história social e cultural do trabalhador do campo e da cidade. É importante reconhecer nesse patrimônio cultural, toda uma sabedoria acumulada, um acervo de histórias, contos e "causos" de muita riqueza que precisam ser divulgadas através, também, da biblioteca.

O bibliotecário deve empenhar-se em resgatar a cultura do trabalhador, estar próximo a essa cultura, a fim de que o trabalhador, por sua vez, tenha um maior interesse pela leitura, à medida em que se identifica com a literatura mais voltada para seus interesses e encontra nesta os estímulos para se organizar politicamente como classe e reconstruir a realidade particular de seu grupo.

O trabalhador, o cidadão devem cobrar da biblioteca o papel que a esta cabe na sociedade, isto é, o de desenvolver, junto com eles, um trabalho de orientação de leitura, de fornecimento de informação utilitária e de promoção de toda a sorte de incentivo cultural, dando-lhes apoio na sua organização para uma vida política atuante.

Certamente um maior uso da biblioteca, associado a uma melhor qualidade de leitura - leitura de vida, leitura de seus problemas cotidianos - poderá gerar, a partir do trabalhador um verdadeiro cidadão consciente de seus direitos e deveres. Somente um homem politizado e com ligações de luta com sua classe poderá transformar a sociedade em que vivemos - injusta e desumana - num espaço comunitário e justo. O momento em que vivemos e as experiências que desenvolvemos junto com a comunidade levam-nos a acreditar na eficácia de uma ação para mudanças. Na direção de um Aarão Reis melhor.

4 - QUESTÕES METODOLÓGICAS: ABRANGÊNCIA E LIMITES

4.1 - Técnicas utilizadas

Em biblioteconomia, tanto quanto em qualquer área, o uso de técnicas de pesquisa para estudos de comunidade deve observar as limitações inerentes a cada técnica, no tocante ao momento da pesquisa e a sua pertinência com respeito à combinação de técnicas. Cada pesquisa desenvolve-se em espaços e tempos distintos, ocorrendo uma adequação das técnicas à cada situação vivenciada, gerando verdades parciais, por serem históricas, provisórias e passíveis de modificações em face das alterações do próprio acontecimento.

Significativamente, as técnicas existem para dar coerência metodológica à pesquisa e sua utilização está diretamente relacionada aos objetivos pretendidos, sendo a escolha orientada por pressupostos historicamente determinados pela postura do pesquisador.

Cada instrumento de pesquisa tem sua especificidade segundo seu potencial de desvelamento da realidade aparente, na medida em que usado de acordo com as condições concretas do universo a ser objeto da pesquisa. Desta relação contextual entre a técnica e sua utilização é possível que o levantamento dos dados e o diagnóstico da situação sejam não somente constatados, mas analisados de forma crítica visando a transformações da realidade.

A representação do real apreendido com o uso das técnicas necessita ser questionada. Em cada técnica o pesquisador pode avaliar suas vantagens e desvantagens. Ainda quanto ao real apreendido, é preciso abranger a questão do corte histórico dado pelo isolamento dos comportamentos individuais no social. Isto é, nas pesquisas de caráter positivista, o indivíduo é recortado de sua realidade, sendo a descrição do objeto pesquisado desprovida de envolvimento afetivo e ideológico, como se isto fosse possível.

Antes mesmo da questão do "modo único" de se apresentar, é fundamental observar que a cada método corresponde uma forma de comunicação específica, que envolve a "sociabilidade manifestada no contexto efetivo dos investidores com as diversas popu

lações, onde os problemas de comunidade são socialmente determinados". (31, p.52) A problemática da distância social e cultural que existe entre o repertório experiencial do pesquisador e o repertório referencial do pesquisado deve ser considerada a fim de que não ocorram distorções na aplicação e análise dos instrumentos de pesquisa.

O princípio da neutralidade é um ponto que quero comentar no uso das técnicas de pesquisa social, a fim de evidenciar sua impossibilidade, denunciando ser tal princípio falso na medida em que a pesquisa requer uma prática que se realiza de uma opção política. O instrumento não pode ser neutro tendo em vista que procedimentos de pesquisa envolvem pressupostos teóricos e práticos, variáveis conforme os interesses sócio-políticos que surgem com a produção de conhecimento.

Ao falar na problemática do uso de técnicas, estou me reportando, especificamente, ao estudo das técnicas convencionais, que envolvem aspectos quantitativos e qualitativos, já que a problemática da metodologia envolve questões mais amplas, que vão desde o nível epistemológico, passando pelas técnicas e indo até os métodos especiais (de avaliação, de projeção, de prognósticação), os quais não fazem parte do universo de análise deste trabalho.

Desta forma, minha proposta - que pretendeu seguir os moldes da pesquisa participante - é conhecer, na prática da pesquisa biblioteconômica, a viabilidade das técnicas. Com isso não estou tendo uma postura eclética*, mas tentando ver as limitações e distorções inerentes a cada técnica aqui utilizada, já que todas elas introduzem distorções na representação do real; as distorções de umas não compensam necessariamente as distorções das outras. "Não se pode atribuir as distorções às características dos entrevistados (mã vontade, baixo nível cultural, etc.), mas sim aos próprios instrumentos e ao contexto social da comunicação ou ausência de comunicação. Trata-se de manter sob controle os aspectos metodológicos tanto do ponto de vista dos pressupostos teóricos como do dispositivo social no qual a investigação se desen

* THIOLLENT considera eclética a combinação de várias técnicas particulares sem questionamento das diferenças de orientação metodológica.

rola". (31, p.29)

É importante ter presente que estou tentando situar a técnica per se no contexto pesquisado, visando questionar sua relevância científica enquanto instrumento, mas não sua eficiência na obtenção de dados. Não se pode confundir ciência com eficiência.

Reafirmo minha intenção de seguir os moldes da pesquisa participante, de forma a clarear os dispositivos metodológicos que nortearam minha prática e a garantir o alcance dos objetivos da pesquisa.

O estudo das técnicas não se resume à questão do quantitativo X qualitativo, porque isso me impediria de perceber a "metodologia como um conjunto de regras de como proceder no curso da investigação". (5, p.35) Acredito que, em pesquisa social, a limitação a um só instrumento pode torná-la incompleta, na medida em que capta partes de um real, carecendo do geral. É fundamental um controle das técnicas tanto ao nível dos pressupostos teóricos, quanto do dispositivo social no qual a pesquisa se desenvolve, para evitar que o uso de várias técnicas seja, metodologicamente, incontrolável.

Dentro das limitações - pessoais e metodológicas - impostas à minha prática pude utilizar e analisar o uso de cinco instrumentos (observação, discussão em grupo, história de vida, questionário e entrevista), que serão trabalhados aqui, observando o conceito de que as técnicas de pesquisa são "os recursos diretos imediatos, de levantamento e registro de dados, conforme exige o problema em vista". (19, p.81)

4.1.1 - Observação

A observação é uma técnica onde o pesquisador tem possibilidades de identificar e conhecer o comportamento dos indivíduos, tal como ocorre, sem ter necessariamente uma comunicação verbal. Aqui a interação é mais íntima, não se investiga sobre os indivíduos, mas com os indivíduos.

A observação pode servir a objetivos diferentes na pesquisa: como técnica exploratória, a fim de obter dados que possam ser comprovadas posteriormente, com outras técnicas; ou

como técnica suplementar, para auxiliar na obtenção e interpretação de dados obtidos por outros instrumentos.

Ao iniciar o processo de observação, o pesquisador deve levar em conta o que deve ser observado, como registrar as observações, como garantir a exatidão e mensuração e que tipo de relação é possível entre observador e observado.

Na observação o pesquisador assume determinado papel, conforme o tipo de observação adotada. Se somente observador, não participa da interação existente entre os observadores; quando participante, sobressaem as atividades correspondentes às expectativas inerentes ao papel do observador, interagindo agora como participante do grupo de observação.

Ao papel do observador opõe-se o papel do observado, que pode ter um comportamento marcado por mecanismos de defesa, tais como medo, cooperação superficial, silêncio e distração. Da coletividade pode surgir uma defesa através de boatos que são espalhados, visando atrapalhar a observação; a permissão para observação talvez seja vaga, podendo ser suspensa a qualquer momento; o observador é colocado em contato com vários grupos da comunidade que o coloca diante de várias situações de modo a confundí-lo.

A observação distingue-se entre observação participante e não participante.

A observação participante tem sido vista por alguns autores, como se originando no campo da antropologia, a partir dos estudos de campo de Malinowski; e por outros, como tendo sido iniciado pela Escola Sociológica de Chicago, na década de vinte.

A observação participante não tem uma definição clara nas ciências sociais. HAGUETTE analisa as diferentes definições clássicas da observação participante constatando que "os vários autores não vêem incompatibilidade entre objetividade e intervenção, ao contrário, a natureza e qualidade dos dados aperfeiçoam quando o pesquisador desempenha um papel ativo na modificação de certas condições do meio, em benefício dos observados". (11, p.64)

AGUIAR coloca que "existe uma posição bastante divulgada em sociologia de que os dados de observação participante são profundos, na medida em que atingem níveis de compreensão dos

fatos sociais". Mais adiante, "os dados obtidos através de observação participante podem carecer de generalidade na medida em que possam se ater de forma muito exclusiva ao contexto investigado". (1, p.125-6)

As anotações da observação devem ser feitas, tanto quanto possível, o mais rápido e de forma detalhada a fim de se evitar esquecimento de fatos importantes. A exatidão da observação pode ser melhorada com mais de uma pessoa observando, podendo depois ser comparados os registros. O observador pode evitar uma série de erros que podem interferir negativamente na validade e precisão de suas conclusões, quais sejam: "valorização precipitada, identificação com participantes, falsificação através de procedimentos cognitivos, súbita abstração, falta de familiaridade com a cultura grupal, avaliação da realidade com conteúdos exógenos, não aceitação de indicações, apontamentos errôneos, observação preestruturada, falsificação da situação social pelo observador, estrutura prematura da observação e escolha aleatória dos períodos de observação". (27, p.26)

Antes da observação, existe toda uma preparação do campo a ser observado, a fim de evitar erros e enganos do observador, que venham a prejudicar toda a pesquisa. É importante o pesquisador resolver a maneira de fazer sua identificação, perante as pessoas da comunidade.

A observação propõe-se a compreender melhor os fenômenos sociais de uma dada comunidade, e para que isso ocorra é básico uma participação ativa do observador. Mas o mais importante é que esta participação não pode ser imposta a uma comunidade resistente a este tipo de trabalho. O observador precisa ser considerado como participante pelo próprio grupo.

A observação sistemática caracteriza-se por uma maior objetividade com relação aos aspectos a serem observados, de acordo com os objetivos da pesquisa, permitindo-se um plano de registro para a coleta dos dados. Esses dados serão posteriormente analisados segundo categorias criadas em função do objeto de pesquisa.

Os problemas para obtenção de dados através da observação precisa, situam-se na conceituação inadequada dos tipos de comportamento que devem corresponder a determinados padrões pre-estabelecidos, bem como no grau de confiança do observador em

seu próprio julgamento antes de escolher determinada categoria, o que pode ser prejudicado pelas percepções de valores do observador.

As categorias de análise são significativas para o registro de comportamentos específicos, dentro do contexto geral da observação, sendo necessário estabelecer unidades de tempo e método para o registro da pessoa que inicia a ação e a que recebe. Para que os dados possam ser utilizados quantitativamente é necessário o seu registro formal.

4.1.1.1 - Alguns dilemas da prática da observação

Na própria conceituação de observação está implícita a necessidade de um contato estreito e prolongado do pesquisador. Entretanto, a realidade de condições de trabalho, financiado ou não, do pesquisador brasileiro caracteriza um problema para realizar a observação participante. Isto porque este pesquisador deve desenvolver suas pesquisas em paralelo ao trabalho diário e, assim, não dispõe do tempo necessário para uma longa permanência no campo e uma imersão intensa nos dados.

A questão da validade torna-se, assim, grave se não é possível permanecer um tempo mínimo - nunca inferior a um ano - na comunidade, quando o pesquisador teria oportunidade de corrigir falsas interpretações ou esclarecer interpretações duvidosas.

A observação participante gera uma instância de ação e o faz através de uma linguagem simples, coloquial, travando com o sujeito pesquisado uma relação de troca e respeito.

Para se acompanhar todo o ciclo de, por exemplo, acontecimentos festivos de uma comunidade faz-se necessário uma permanência maior na comunidade. Enquanto observador, temos que ter claro o que queremos conhecer, perceber o cotidiano, o que é rotineiro, sem esquecer o pitoresco. As formas de expressão das pessoas, no falar, vestir, alimentar, etc. são fundamentais para ampliar o conhecimento do lugar no seu todo.

É fundamental ao pesquisador eliminar, tanto quanto possível, as barreiras que se criam à sua penetração nas esferas mais íntimas da vida dos grupos. Entretanto, ele nunca se livrará do seu papel de estranho e não deve fazê-lo, pois, algumas ve

zes, determinadas informações valiosas são obtidas pelo estranho, simplesmente porque é um estranho.

NOGUEIRA, nos mostra três condições que podem ser entrave à prática da observação participante: "a distância cultural, a afinação temperamental do investigador com o grupo, a relativa homogeneidade ou heterogeneidade deste, sua segmentação pela estratificação e sua relação com outros grupos e com grupos maiores; sexo e idade do investigador e a falta de parentesco consanguíneo ou por afinidade com uma pessoa do lugar". (19, p.98)

Ainda o mesmo autor coloca as vantagens da observação participante: "maior oportunidade de observação e maior objetividade e exatidão na observação de certos aspectos; o emprego deste método forneceria um equilíbrio desejável entre o tipo de investigação mais puramente "behaviorista" e o tipo que procura alguma visão interior (insight) dos significados correntes na comunidade". (19, p.99)

Na situação de observação é extremamente importante não criar expectativas que levam os membros do grupo a comportamentos simulados com o fim de agradar ao pesquisador. Perceber o papel ou papéis que a comunidade está nos atribuindo é importante para que a convivência seja de aprendizagem bilateral, isto é, mostrar desejo de aprender com os membros da comunidade, os modos de comportamento que estes acham adequados, suas histórias, seus costumes, crenças, etc. A observação permite um contato maior, abrindo acesso às conversas informais onde se obtêm informações para conhecer os grupos, que são resultado de situações reais. Esta relação traz a possibilidade de captar os movimentos dos indivíduos com relação ao grupo; as relações de poder, nas relações sociais, permitindo observar não só as palavras, mas também os comportamentos que as acompanham. Desta forma, convive-se com as pesoas "comuns" da comunidade e não necessariamente, com as atípicas.

A partir desta convivência tem-se estudado e obtido informações a um nível que já não satisfaz, porque o aprofundamento não é amplo, apesar do convívio ser intenso. Por outro lado criam-se as condições para empregar outras técnicas de complementação dos dados obtidos, pelo fato de as pessoas já conhecerem o pesquisador e sua proposta de trabalho na comunidade.

Finalmente, a observação pode ser considerada como a

técnica de captação de dados menos estruturada das ciências so
ciais, uma vez que não requer qualquer instrumento específico pa
ra direcionar a observação. Por esta razão, a responsabilidade de
seu sucesso pesa quase que exclusivamente sobre os ombros do ob
servador salvo, obviamente, naqueles aspectos que são fontes de
viéses e que emanam da própria situação da observação.

4.1.2 - Discussão de grupo

A discussão de grupo não capta prioritariamente o com
portamento, mas opiniões e atitudes. Aplica-se essencialmente a
estudos de uma coletividade ou a um produto do homem. SCHARADER
afirma que essa técnica pode medir a propriedade de uma coletivi
dade ter opinião sobre determinados objetivos, ou a propriedade
de uma opinião (como objeto) ser representada por diversos grupos
de pessoas". [27, p.98]

O objeto de estudo da discussão de grupo são as opi
niões grupais, isto porque dentro de determinados grupos que vi
vem os mesmos fatos sociais, as opiniões informais são abran
tes e, havendo intercomunicação entre esses grupos sobre estes fa
tos, os mesmos se impõem, influenciando no comportamento das pessoas.

O desenvolvimento da discussão de grupo deve acon
tecer em lugar neutro, facilitando o efeito de afastamento e redu
zindo as barreiras de comunicação do cotidiano. É útil oferecer
um "estímulo-base" (filme, gravação, slide) visando facilitar a
coleta de dados sobre a discussão.

A reunião tem um estímulo base que indica o tema a
ser observado. Recomenda-se uniformizar a discussão entre um ca
ordenado e o grupo. Isto porque os debates podem fugir do tema
e objetivos propostos..

Para complementar os dados coletivos na discussão de
grupo é útil realizar observações, que podem ser feitas por pes
quisadores auxiliares durante a discussão. A análise da discus
são sucede-se em três etapas: no início, quando ocorre uma análi
se qualitativa de cada discussão; em seguida comparam-se as opi
niões grupais, o decorrer das discussões e as estruturas das
opiniões de grupos idênticos; e, por último, comparam-se as opi
niões de grupos distintos.

O problema da discussão de grupo está em como medir dados qualitativos. Desenvolvem-se escalas nominais e ordinais para um sistema de categorias (características de mensuração para análise e interpretação). É fundamental que este instrumento de mensuração seja desenvolvido antes de se iniciarem as discussões.

Esta técnica é capaz de revelar conteúdos de consciência mais profundas devido à intensidade da comunicação nas discussões de grupos, além de possibilitar uma visão de papel dos líderes de opinião e tornar transparentes os mecanismos típicos de identificação.

O instrumento é limitado na sua universalidade por ter como medida o comportamento social - a discussão - não reconhecido em todas as esferas culturais. Por outro lado, abre possibilidades infinitas para a pesquisa social.

PEREIRA considera a discussão como espaço para a reflexão e busca onde as experiências se acumulam e a história se constrói dentro dos grupos a que se pertence. A discussão é vista não só como instrumento para coleta de dados, mas como uma "ferramenta" de trabalho para a comunidade resolver seus problemas, conhecer-se melhor, refletir o cotidiano e isto servir como luz na longa caminhada da própria libertação. Esse autor apresenta algumas sugestões de como realizar as reuniões com dinâmica de forte cunho psico-social: exercícios de comunicação no grupo; reuniões entre grupos da comunidade, mutirão, encontros, exercícios e técnicas diversas. (21, p.169)

4.1.3 - História de vida

A história de vida não é considerada técnica científica, mas pode auxiliar na fase inicial da pesquisa de fenômeno da natureza humana.

A utilização da história de vida em pesquisa social teve sua origem na sociologia americana, com a publicação da obra de W. I. Thomas e Florian Znaniecki - The Polish Peasant in Europe and America, em 1918, seguida de uma série de outros autores e trabalhos.

A história de vida não representa dados convencionais

da ciência social, nem é uma autobiografia convencional. Ela atende aos propósitos do pesquisador que está preocupado com a fidelidade das experiências e interpretações do autor da narrativa sobre o mundo.

As funções da história de vida são basicamente: servir como ponto de referência para avaliar teorias que tratam do mesmo problema, para cujo propósito as informações foram tomadas; atuar em áreas de pesquisa que tratem da história de vida apenas tangencialmente, como por exemplo, áreas de pesquisas afins à delinquência juvenil seriam relacionadas com a cidade, a família, a escola; oferecer sugestões sobre o lado subjetivo de muitos estudos; sugerir novas variáveis e novas orientações nas áreas de estudo que se encontram estagnadas.

A história de vida, como técnica de captação de dados é geralmente descrita pelo próprio autor, que narra suas experiências, utilizando sua própria linguagem, a qual não deve ser traduzida para a linguagem do pesquisador. Pode ser obtida, também, através de entrevistas ou de pedido ao pesquisado para que escreva sobre sua vida. O pesquisador deve interferir o mínimo possível no desenvolvimento desta narrativa.

Os documentos pessoais constituem a fonte principal de dados para a criação de história de vida, e são obtidos oralmente ou por escrito. Os documentos biográficos e autobiográficos também são fontes importantes neste contexto. Nesses documentos o pesquisador conhece a percepção que o indivíduo tem do mundo em que vive e a sua postura frente aos grupos de que participa. Aprende ainda sobre os aspectos subjetivos da cultura e da organização social, das instituições e movimentos sociais.

Para complementar a história de vida, deve-se utilizar dados colhidos em outras fontes, tais como, certidões, depoimentos de pessoas que tenham conhecimento sobre o pesquisado, etc.

NOGUEIRA faz algumas críticas à história de vida: "o pesquisador pode influenciar o pesquisado, de forma que este escreva o que o pesquisador deseja, ou o que ele pensa que seria o desejável; a probabilidade de que a pessoa pesquisada assuma uma postura de auto-justificação é maior do que a possibilidade de uma atitude objetiva frente sua própria história; a tendência do "escritor" criar efeito literário de sua vida; o pesquisador tende a ver aquilo que deseja; geralmente as pessoas que fornecem sua história de vida são pessoas - problemas ou consideradas anor

mais socialmente; surge por parte do pesquisador uma postura pa
ternalista com relação ao pesquisado, raramente se pode comparar
diferentes casos; e, a terminologia científica na história de vi
da tende a ser reduzida". (19, p.147)

No Brasil, a história de vida nunca teve muito prestí
gio. Isto é inferido devido a: 1º) sua utilização dentro da pro
dução científica na sociologia brasileira, que se pautava mais pe
la metodologia positiva, embora em um segundo momento esses soció
logos tenham reformulado suas convicções teóricas e, 2º) a na
tureza dos livros sobre metodologia da pesquisa publicados, em que
inexistem manuais específicos sobre metodologias qualitativas, ex
ceto algumas publicações mais recentes.

Não foi meu propósito discorrer sobre os procedimen
tos práticos da história de vida, mas somente distinguir sua natu
reza. Avançar mais teoricamente nesta técnica mostrou-se inviã
vel, devido a escassez da literatura brasileira disponível.

Tratarei da entrevista e do questionário em partes es
pecíficas a seguir.

4.1.4 - Questionário

O questionário é tido como uma entrevista fechada. Ne
le as informações são obtidas através de respostas fechadas e/ou
abertas. Exige menos habilidade do entrevistador, que não preci
sa ser necessariamente o pesquisador, por terem suas perguntas um
caráter mais impessoal. Entretanto, regra geral, a aplicação
mais eficiente supõe um relacionamento, entre entrevistador e en
trevistado.

O questionário contém uma lista de perguntas que cor
respondem a uma "tradução" das hipóteses de pesquisa sob forma
interrogativa. SCHARADER mostra que tal tradução deve levar em
conta o provável nível de informação dos entrevistados e ser sub
metida a um rigoroso controle no decorrer da elaboração do ques
tionário, para evitar, ou pelo menos avaliar, as distorções que e
la introduz". (27, p.32)

O processo de selecionar as questões para um questio
nário é um processo longo e complexo que exige esforço cuidadoso
e paciente, já que a exclusão de questões cruciais neste estágio

pode viciar toda a pesquisa. É preciso ter claro que qualquer questionário deve ser limitado em sua extensão e finalidade.

A padronização do questionário permite certa uniformidade na mensuração de uma situação para outra. Para isto é feito um treinamento dos entrevistados, a fim de garantir um comportamento uniforme na aplicação do instrumento. O anonimato no questionário permite que as pessoas respondam, com mais liberdade e se expressem sem medo de serem reprovadas.

O questionário pode ser enviado pelo correio e o respondente o devolve ou não. É indicado para pessoas alfabetizadas; entretanto, pode ser respondido por analfabetos com a ajuda de terceiros. O questionário é aplicado a um conjunto de pessoas, de acordo com critérios de representatividade da população total.

Os questionários são diversificados em função do tipo de pergunta - aberta ou fechada. A pergunta fechada tem a vantagem de produzir respostas em número limitado e de fácil codificação e análise. A pergunta livre não predefine as respostas, que geralmente são processadas por análise de conteúdo. O uso das perguntas, ou sua combinação dependerá dos objetivos a que se propõe a pesquisa e dos recursos disponíveis para seu posterior processamento analítico.

Os objetivos da pesquisa incorporados nos questionários e entrevistas dependem do conteúdo das perguntas: SELTZ considera que estes conteúdos são principalmente dirigidos para:

- "a verificação de fatos,
- a verificação de crenças quanto aos fatos,
- a verificação de sentimentos,
- a descoberta de padrões de ação,
- o estudo de comportamento presente ou passado,
- as razões conscientes de crenças, sentimentos, orientações ou comportamentos". (28, p.273)

Os pesquisadores enumeram algumas desvantagens para o questionário:

- " pedido de informações que é prontamente e mais precisamente - disponível em outras fontes,

- fracasso em criar um incentivo para responder,
- inclusão de questões, que um respondente poderia considerar não importantes,
- inclusão de questões, as quais sugerem ou de outra maneira encorajam respostas, que favorecem o respondente, podem resultar em respostas enganosas,
- inclusões de questões equívocas ou ambíguas,
- o uso de questões, para serem respondidas sim ou não por respostas múltiplas especificadas, quando não se pode esperar que o respondente responda sem uma considerável porção de explicação. Respostas, para serem analisadas, tornam a tabulação fácil, mas podem levar à falta de resposta ou à resposta incorreta,
- promessas e compromissos, feitos em relação aos respondentes, não cumpridos posteriormente,
- uso de um questionário, cuja forma de extensão pode tender a desencorajar os respondentes ocupados". (26, p.103-4)

É importante colocar o problema da imposição de problemática do questionário, que consiste em colocar o entrevistado frente a problemas que não são os seus e a estimular respostas reativas. Este problema retoma a questão da distância social ou cultural que existe entre o universo dos pesquisadores que criam o questionário e o universo dos respondentes.

Segundo THIOLENT, os estudos que trazem imposições de problemática são: a) estudos sobre as sociedades ditas "tradicionais", para as quais são transportadas categorias de percepção, descrição ou de ação vigentes em sociedades de capitalismo "avançadas" e b) um estudo sobre grupos sociais "desfavorecidos" para as quais são transportados categorias e critérios de classe "média" aos quais, muitas vezes o pesquisador adere de maneira consciente ou preconsciente". (31, p.49)

Este problema torna-se mais grave, quando o pesquisador vai à comunidade sem uma proposta de trabalho, sendo essa distância ampliada quando o tema no questionário não tem nenhuma significação para os sujeitos.

Nas perguntas e respostas já fica evidenciada a distância cultural ou social entre pesquisador e entrevistado. Con

siderando-se que os indivíduos respondam o questionário conforme seu referencial de experiências, o pesquisador deve ter em mente que a cada classe social correspondem padrões de percepção e comunicação. A imaginação do pesquisador deve ultrapassar os limites de seu universo e de seu meio social, e ter uma postura mais de questionamento do que de observação unilateral.

Outra questão a ser observada nesta técnica diz respeito ao problema dos desníveis de comunicação entre investigador e investigado. Existem diferenças de vocabulário, além das limitações de perspectivas e de abstração, concebendo-se que cada classe social possui modos de comunicação particulares.

É fundamental uma clareza nas perguntas, a fim de minimizar as diferenças de linguagem, observando-se que os artifícios usados para tornar mais familiar ou mais motivante o vocabulário dos questionários não chegam a atingir o centro do problema da relação entre o social e a linguagem, mesmo porque o uso da linguagem nunca pode ser considerado como neutro, pois, determinado socialmente, produz significações diferenciadas segundo os modos de comunicação próprios a cada classe ou a cada circunstância.

Outro ponto negativo abordado refere-se à limitação conformista do questionário, isto é, nos questionários de caráter empírico não se levam em consideração, dentro da relação de pesquisa, as características culturais do entrevistado. Esse posicionamento limitante do conhecimento social talvez derive das posições culturais das elites ou das classes que estas exprimem no campo cultural da sociedade.

Este tipo de questionário não atinge o pesquisado além do senso comum, gerando por conseguinte informações baseadas na ideologia dominante, sem atingir níveis relevantes. No questionário não há nada que chame a atenção do entrevistado para a superação da resposta fácil, já que tudo é feito para assegurar a reprodução das evidências primárias.

Por outro lado, SELTZ nos mostra as vantagens (probleáticas) do questionário: "tende a ser um processo menos dispendioso; exige menos habilidade; a natureza do questionário - frases padronizadas, ordem padronizadas de perguntas, instruções padronizadas para o registro de respostas - assegura uniformidade de uma situação de mensuração para outra; as pessoas podem ter

maior confiança em seu anonimato e, por isso, se sentem mais li
vres para exprimir opiniões que temem ver desaprovadas ou que po
deriam colocá-las em dificuldades; o questionário faz menos pres
são para resposta imediata". (28, p.268)

Finalmente diante das inúmeras fontes de distorção e
xistentes no uso das técnicas de pesquisa, os pesquisadores inven
taram diversos testes de controle, relativos ao questionário, a
fim de verificar a fidedignidade e a validade dos resultados. O
questionário é muito utilizado em ciências sociais e tende a con
tinuar a ser assim no futuro, tanto nas pesquisas de cunho ciên
tífico-sociológico, quanto nas pesquisas de opinião

4.1.5 - Entrevista

A entrevista pode ser definida como um processo de in
teração social entre duas pessoas no qual uma delas, o entrevista
dor, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do ou
tro, o entrevistado.

É o instrumento mais utilizado pelos pesquisadores, nos
vários campos das ciências humanas. Entretanto, mesmo admitin
do-se o grande sucesso da entrevista para pesquisas sociais, exis
tem várias críticas ao nível da fidedignidade e validade científi
ca dos dados obtidos por ela.

A pesquisa de caráter social requer a entrevista por
ser um instrumento que propicia um contato mais direto com o en
trevistado. Muitas vezes é necessário ver a pessoa, ouvir sua
voz, e utilizar tudo o que é psicologicamente inerente à proximi
dade física. A situação é de interação, isto é, entrevistador e
entrevistado se influenciam não apenas pela palavra mas também
pelas manifestações de comportamento.

A entrevista deve ser utilizada, sempre que se tenha
necessidade, de informações que não podem ser encontradas em re
gistros ou fontes documentárias. Esta deve ter unidade funcional
e objetivos definidos, a fim de que se tenha uma qualidade (pro
fundidade, fidedignidade) possível de ser conseguida através de um
roteiro mínimo, sem necessariamente de exigir formulários muito
estruturados.

Este instrumento permite maior flexibilidade para se

obter informação, dando ao entrevistador oportunidade de observar a pessoa e todo o contexto no qual se desenrola a entrevista. É indicada para assuntos mais complexos, emocionalmente carregados, sendo útil para se conhecer os sentimentos latentes a certas opiniões apresentadas. Com ela é possível captar o que o entrevistado pensa e diz, ao invés de se obter um eco da própria pergunta do entrevistador. MICHELAT considera "que a entrevista permite, melhor do que os outros métodos, a emergência deste conteúdo sócio-afetivo profundo, facilitando ao entrevistado o acesso às informações que não podem ser atingidas diretamente". (17, p. 194)

Na entrevista a fonte de viés localiza-se tanto nos fatores externos ao observador, tais como o próprio roteiro e o entrevistado, como na situação de interação que ocorre entre entrevistador e entrevistado, acrescidos dos vieses advindos dos aspectos técnicos da construção da entrevista e que se originam na pessoa do pesquisador.

A entrevista pode ser estruturada e não diretiva. A entrevista estruturada, onde se inclui o questionário, é formada por perguntas uniformes, de modo que todas as pessoas respondam da mesma forma. Podem apresentar questões fechadas ou em aberto, dando liberdade ao entrevistado para responder com suas próprias palavras. Cada tipo de pergunta corresponde a um objetivo específico: perguntas fechadas são indicadas para respostas possivelmente já conhecidas ou para confirmar dados; as abertas são úteis para assuntos complexos. Na entrevista formal, pressupõe-se que as hipóteses já foram clareadas, de forma que as perguntas sejam aquelas apropriadas para testá-las. As perguntas serão padronizadas, visando à comprovação dos dados.

A entrevista estruturada, gerada pelo pesquisador dentro de um quadro teórico rígido, bloqueia o surgimento de novos dados, limitando-se a confirmar ou desmentir hipóteses, sem, entretanto, abrir espaços para elaboração de novas hipóteses. Tem a desvantagem de impor uma resposta, mesmo quando o pesquisado não tem uma opinião formada sobre o assunto tratado. Pode surgir também o problema da interpretação errônea por parte do entrevistado com relação ao que lhe está sendo perguntado.

A entrevista não diretiva é mais utilizada para pesquisa no campo social onde o mais importante é conhecer as contradições e incoerências entre o falar e o agir das pes

soas. Aqui existe um diálogo aberto em que se estimula a livre expressão, ouvindo não os fatos e opiniões bem delimitadas mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc.

MANN considera este tipo de entrevista como técnica exploratória, devido às dificuldades para avaliar as provas por ela obtidas. Entretanto, "desprezar esta técnica é desprezar, a possibilidade de uma compreensão mais profunda e mais verdadeiramente sociológica da situação". (16, p.106)

A entrevista não diretiva, frequentemente faz parte dos estudos exploratórios ou é utilizada como forma de aprofundar qualitativamente a investigação. Considera-se que a não diretividade não constitui uma resposta ao problema da imposição de temática, que se amplia quando se perdem de vista as diferenças sociais que existem no nível da capacidade de verbalização dos indivíduos.

As limitações apontadas na literatura em relação à entrevista não diretiva diz respeito ao condicionamento da resposta, à tendência à aquiescência por parte dos entrevistados, à tendência à psicologização dos dados, à desigualdade de trocas e ao monopólio do saber pelo pesquisador. Sobre tais limitações da entrevista, THOLLENT comenta que: "a desigualdade é inerente a uma situação de comunicação sobre a qual o respondedor não tem controle e permanece separado da interpretação e da utilização social da informação transmitida... a não diretividade dissimula, sob máscara de reciprocidade e liberdade de fala, a hierarquia e a monopolização do saber". (31, p.83)

É preciso observar dois fatores de contaminação da entrevista, por parte do entrevistado, quais sejam: distinguir as informações de caráter objetivo daqueles de caráter subjetivo e estar atento a que as informações subjetivas estão carregadas de reações psicológicas. A pessoa entrevistada está exposta aos estímulos do entrevistador, desfigurando de alguma forma, seu conteúdo interno, que pode ser mascarado e deformado a partir de um discurso. RODRIGUES expõe esta preocupação indagando: "De que maneira o discurso e o comportamento podem nos informar sobre os mecanismos de internalização e os conteúdos internalizados? O discurso pode ser considerado o limiar da exteriorização? Que deformações estão contidas?" (24, p.50)

O viés cultural do entrevistado deve ser percebido,

na medida em que o entrevistador lida com indivíduos representativos de uma cultura determinada e que, portanto, deve ser considerado como revelador tanto da cultura e subculturas próprias a cada um deles, quanto da cultura da comunidade. Esta se expressa pela linguagem, modos de falar e vestir, utilização de estereótipos sociais, que demonstram significativamente as diferenças entre entrevistador e entrevistado. Através das particularidades dos indivíduos é possível apreender-se o sistema, presente de um modo ou de outro em todos os indivíduos, utilizando as particularidades das experiências sociais dos indivíduos reveladores da cultura tal como é vivida.

SCHRADER classificou as inibições dos entrevistados em culturais, sociais e psíquicas. Diz ele que são culturais as "que nascem da auto-imagem pessoal predominante em uma sociedade, do conceito de verdade, da língua e semântica, da estrutura de preconceitos e da estrutura das demais formas comuns de interação; as inibições sociais colocam-se ao nível, conforme os grupos ou camadas sociais, dos problemas semânticos, consciência de normas ou racionalizações. Nas inibições psíquicas podem ser considerados os seguintes aspectos: memória, inteligência, emoção, cansaço, e sugestionabilidade". (27, p.105)

Quanto à qualidade dos dados obtidos, observa-se que as situações ligadas ao entrevistado, passíveis de interferir na entrevista, têm relação com motivos ulteriores, quando ele pensa que suas respostas podem influenciar sua situação futura...; com quebra de espontaneidade, com a presença de outras pessoas por ocasião da entrevista...; com o desejo de agradar ao pesquisador; com fatores idiossincráticos, tais como fatos ocorridos no intervalo entre as entrevistas (no caso de entrevistas longas), que eventualmente alteram a atitude do entrevistado com relação ao fenômeno observação... e conhecimento sobre o assunto da entrevista, habilidade em relatar os eventos, habilidade essa que pode estar relacionada tanto à capacidade de lembrar os fatos passados, como a fluência.

O pesquisador deve estar atento também, para a própria situação da entrevista, que é uma situação especial para o entrevistado, o que pode influenciar na natureza das informações prestadas. Esta observação tem mais significado, quando se pesquisa junto à classe trabalhadora, comunidades de bairro, enfim, aquelas que não conhecem ainda seus direitos de "não responderem à entrevista".

A situação da entrevista apresenta algumas especificidades que, conforme HAGUETTE, podem levar os entrevistados a um estado de nervosismo: "as entrevistas representam situações psicológicas novas para o entrevistado... alguns entrevistados não gostam da natureza autoritária do relacionamento entre ele e o entrevistador, pois se sentem de alguma forma subjugados; outros entrevistados, especialmente aqueles que fazem parte de organizações como comunidades, sindicato, etc, percebem a entrevista, como uma armadilha para fazê-los falar sobre coisas ou pessoas, o que pode comprometê-los; os pesquisadores, na maioria das vezes vinculados a universidades, são muitas vezes percebidos como indivíduos sofisticados e de alta educação, o que pode criar uma reação de defesa por parte dos entrevistados..." (11, p.79)

Agrupando sugestões de vários autores sobre a técnica de entrevista, as quais considera importantes depoimentos, embora ressaltando que é através da prática que o processo da entrevista é melhor percebido e que o uso da técnica é norteado pela postura metodológica e epistemológica do pesquisador;

a) Preparo da entrevista: a entrevista deve ser planejada delineando-se cuidadosamente o objetivo a ser alcançado; obter, sempre que possível um conhecimento prévio a respeito do entrevistado; se possível marcar a entrevista com antecedência; criar uma situação discreta para a entrevista; escolher o entrevistado de acordo com sua familiaridade ou autoridade em relação aos fatos que se está investigando; preparar um esquema ou lista de questões que, devido à importância, não devem ser omitidos. Assegurar um número suficiente de entrevistados, o que dependerá da variabilidade da informação a ser obtida. Desenvolvimento de entrevista: obter e manter a confiança do entrevistado; procurar situações favoráveis para a entrevista; pôr o entrevistado à vontade, preservando e facilitando-lhe a espontaneidade; dispor-se a ouvir mais do que a falar; dar tempo bastante a que o entrevistado discorra satisfatoriamente, mas reconduzindo-o sempre, com tato, ao objeto da entrevista; não fazer diretas, não julgar o entrevistado pronto para dar a informação desejada; deixar o entrevistado falar e depois ajudá-lo, com perguntas a respeito de detalhe, a completar o que disse; apresentar primeiro as perguntas que tenham menos probabilidade de provocar ou produzir qualquer forma de negativismo; fazer uma pergunta de cada vez, a fim

de não confundir o entrevistado; evitar perguntas que impliquem ou sugiram a própria resposta; dar ao entrevistado a oportunidade para restringir ou delimitar suas próprias declarações ou respostas; conferir as respostas; manter-se atento em relação aos erros comuns; registrar os dados imediatamente; ao encerrar a entrevista, ficar alerta para informações adicionais...

b) Quando decidir-se pelo uso da entrevista: verificar antes de tudo, se não há outras fontes mais seguras para a informação desejada; usar a entrevista como meio auxiliar para o arrolamento de outras fontes e para obtenção do acesso às mesmas; usar a entrevista como meio de obter oportunidade para observação, pois no decorrer da entrevista pode-se observar a aparência, o comportamento e atitudes do entrevistado; usar a entrevista para constatar fatos que variam de pessoa para pessoa e de circunstância, como salário, aluguel, etc.; usar entrevista para conhecer, opiniões, atitudes e crenças; evitar a entrevista para a obtenção de dados de valor incerto, pois uma combinação de erros não forma uma verdade; evitar a entrevista para a obtenção de informações gerais ou dados comuns cuja validade dependeria da pesquisa ou observação sistemática como datas, relações numéricas, etc. É essencial que o motivo que a determina seja plausível aos olhos do próprio entrevistado; quando o entrevistador não é o próprio planejador da pesquisa, é preciso que este seja posto a par do objetivo da investigação.

c) A análise qualitativa das entrevistas não diretas parte do pressuposto de que todo elemento do "corpus", inclusive os detalhes, têm uma significação. Esta análise implica num procedimento de exaustividade dos dados, indo do conteúdo manifesto ao conteúdo latente (conjunto de significação ao qual chega a análise de uma produção do inconsciente) que resultará num modelo cultural do indivíduo no global, que certamente fará aparecer a parte do sistema cultural ligado ao assunto explorado.

Esta análise exige um procedimento de leituras e releituras do material disponível, para se chegar a uma espécie de impregnação. As releituras vão suscitar interpretações* pelo re

* O autor conceitua interpretação como o destacamento, pela investigação analítica, do sentido latente, a partir do conteúdo manifesto.

relacionamento de elementos de diversos tipos, tentando-se reconstruir não só o significado literal das frases, mas suas significações. Neste tipo de análise a interpretação de frases é feita em função do contexto e deve ser feita mais de uma interpretação.

A partir dessa impregnação, é interessante lembrar os momentos das entrevistas, as sensações, para perceber melhor o conteúdo do que está escrito. Nesse ponto é importante terem-se gravado as conversas a fim de localizar o contexto de determinação das colocações do entrevistado.

A atenção a cada entrevista em particular deve ser concomitante a um relacionamento das diversas entrevistas entre si. Isto porque é a partir do sistema que se estabelece que as interpretações serão possíveis. Teoricamente, a análise não tem fim, devido à possibilidade de modificações do esquema obtido. Entretanto, é desejável parar quando se considera que o modelo obtido atinge uma determinada estabilidade. A esta análise alinha-se uma análise mais sistematizada e tradicional dos dados, que pode dar "validade" aos resultados obtidos, em termos do tema proposto.

No dizer de MICHELAT, a "entrevista não diretiva, tanto quanto qualquer outro método, não pode ser um fim em si e basear-se a si mesmo; é apenas um dos meios dos quais dispomos". (17, p.210)

4.2 - Experiência de pesquisa

No espaço de tempo em que a biblioteca mantinha suas atividades com a comunidade, participei da vida dos grupos e da rotina do lugar, através de reuniões, visitas, etc. Minha proposta acadêmica começou a tornar-se possível a partir dessa vivência diária.

Nesse momento, fazia-se necessário um corpo de preocupações que fossem cabíveis de constituir um problema de pesquisa, a fim de testar aquelas técnicas, objetivo do estudo. - Minha inquietação era quanto ao conceito de informação e à forma como essa informação circulava nos grupos da comunidade. Isto teria

que ser captado conforme a concepção vigente no meio, ou seja, pesquisar no cotidiano, tendo como premissa que a informação circula de maneira informal e que seu conceito é difuso. Cotidiano foi aqui tomado, conforme NORONHA, como "o espaço que representa um momento de síntese das práticas humanas nas instituições, no trabalho e nas relações dele oriundas". (20, p.28) Para o aclaramento do problema deveria estabelecer a vinculação deste cotidiano, vivido em conjunto pela comunidade, com a individualidade de cada membro do grupo.

Inicialmente selecionei para estudo alguns instrumentos que possibilitassem a investigação e que tivessem viabilidade prática considerando que uma determinada técnica só deve ser utilizada em função de seu grau de adequação ao fenômeno estudado. Dentre os instrumentos de coleta de dados selecionados, a proposta inicial era a utilização de todos na pesquisa, para fins de teste. Entretanto, por questões de viabilidade e tempo, alguns deles não foram utilizados.

Procurei repensar as técnicas convencionais, com aspectos quantitativos e qualitativos, para que pudesse ver seus limites e tentar superá-los. Frequentemente ocorre confundirem-se ideologias que permeiam o uso de um instrumento com o próprio instrumento. Assim, a alternativa era questionar o instrumento, percebendo que este instrumento deve ser elaborado cuidadosamente segundo a especificidade do problema e, principalmente, segundo a classe social a que se destina. Essas as razões porque optei pelos instrumentos já mencionados, a saber: observação participante, discussão de grupo, entrevista não estruturada informal, questionário fechado e história de vida.

Para fins de aplicação das técnicas, ao longo do presente estudo, defini a comunidade estudada como constituída pelos Grupos de Reflexão e Ordem dos Vicentinos: total 104 indivíduos que moram no mesmo bairro, têm o mesmo nível sócio-econômico, realizam alguma atividade conjunta e possuem práticas que visam o conhecimento e relacionamento pessoal, bem como interesse e objetivos comuns.

Foram feitas observações nas reuniões dos grupos para uma primeira tomada de conhecimento sobre a comunidade. A seguir, aplicamos - eu e líderes dos grupos - questionários a 104 sujeitos, cobrindo a população total dos grupos, para obter sua caracte

rização e dados sobre a situação do bairro, com relação à percepção pela comunidade dos problemas existentes e serviços disponíveis localmente.

Também realizamos discussão de grupo com os moradores em geral e posteriormente com os sujeitos da pesquisa, para conhecer as necessidades da comunidade com relação à infraestrutura básica e à demanda por informação.

Buscando dados complementares e esclarecedores, foram realizadas 17 entrevistas com os sujeitos dos grupos católicos, escolhidos como população significativa da comunidade total.

As histórias de vida foram realizadas com 12 pessoas, criteriosamente escolhidas* pela idade avançada, nível de participação na vida da comunidade e nível de liderança. Essa atividade visou à aquisição de conhecimento sobre o lugar, resgatando a memória da comunidade, uma vez que o bairro Aarão Reis não tem sua configuração caracterizada na Prefeitura de Belo Horizonte, o que anula uma possível disponibilidade de dados oficiais sobre a região. A escolha da amostra dos indivíduos deu-se observando um critério qualitativo, isto é, considere um indivíduo como representativo pelo fato de ser ele detentor de uma imagem particular da cultura local.

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, devo admitir que a escolha dessas técnicas constitui-se em desafio, configurado como obstáculo de alcance teórico. Após estudo dessas técnicas, verifiquei serem todas passíveis de críticas que, resumidas, levam à constatação de que não existe uma técnica única que apresente um índice de operacionalização considerado suficiente; elas devem, necessariamente, ser usadas em conjunto.

A pesquisa que desenvolvi caracterizou-se por dois momentos distintos: criação da biblioteca, a qual incluída a questão da informação e seus canais, e estudo das técnicas de pesquisa. Concomitantemente ao trabalho desenvolvido para realizar a proposta de biblioteca e já dispondo do consentimento da comunidade, ini

Nesta fase, contei com a colaboração das lideranças da comunidade na indicação dos nomes das pessoas a serem entrevistadas.

ciei a aplicação dos instrumentos de pesquisa, os quais, me propus a analisar, e que foram definidos a partir da realidade concreta e possível.

A observação participante foi feita nos Grupos de Reflexão e Grupos dos Vicentinos, onde, de início, ficava somente assistindo às discussões. Posteriormente passei a participar de forma mais efetiva, isto é, dando minha opinião nos assuntos discutidos.

A observação direta da realidade foi feita de maneira sistemática e intensiva, e pretendia gerar um roteiro de questões que pudesse constituir um elenco inicial dos interesses e necessidades dos grupos observados.

Utilizei um "caderno de campo", onde registrava os fatos que me pareciam importantes para a pesquisa, bem como aqueles indicadores de como seria possível situar-me ali como, sujeito investigador. Era importante saber por onde começar, a quem procurar, como proceder nos contatos com a população de modo geral, e, em particular, com os participantes dos grupos escolhidos como sujeitos da pesquisa.

De início, esta seria uma apreensão precária e limitada, feita a partir da ótica de uma pessoa "de fora", para quem era estranha aquela realidade. Em princípio, procurei ver os fatos tal como se apresentavam, mas, no momento de registrá-los, tentava entendê-los considerando as condições concretas que determinava a sua manifestação.

Senti a necessidade de concatenar os fatos observados, de maneira que viessem a possibilitar uma apreensão global da realidade, concebida como uma totalidade concreta. Entretanto, senti também ser necessário identificar, em cada fato observado, aspectos relacionados com as questões arroladas na proposta de pesquisa.

Ao final de cada dia de trabalho, analisava as observações registradas, o que se mostrou bastante positivo, pois abriu perspectivas para o planejamento de atividades a serem desenvolvidas pela biblioteca, dentre outras linhas de ação. Com base no que ia observando, às vezes, tornava-se necessário redefinir critérios de escolha dos lugares a serem visitados, das pessoas a serem procuradas e de outros procedimentos a serem adotados na condução da pesquisa.

O espaço de tempo em que se desenrolou a observação dos grupos possibilitou um contato mais direto e, por que não dizer, mais afetivo entre mim e as pessoas da comunidade, possibilitando-me também uma percepção mais aguda e profunda das condições concretas de vida no lugar. A participação das reuniões, facilitou bastante minha relação com as pessoas, quando, posteriormente, em situação de entrevista, elas se referiam a aspectos que eu tinha podido observar dentro das reuniões.

Depois de feitas as observações preliminares, resolvi chamar as pessoas da comunidade em geral, a participarem de discussões em grupo. Essas discussões facilitaram bastante a obtenção de informações sobre o lugar, como também sobre o interesse e disposição do grupo para o trabalho comunitário e em especial para a criação da biblioteca. Na observação direta da realidade, a visão que eu, até então, tinha era unilateral, pois não havia interferência ativa dos indivíduos pesquisados na minha percepção, o que passou a ocorrer nessas discussões. Nesses contatos diretos com os indivíduos da população local, os interlocutores não eram apenas objetos de interesse da pesquisa mas se colocavam como sujeitos.

A relação direta com pessoas favoreceu uma sondagem inicial de sua forma de conceber e expressar idéias a respeito dos assuntos que objetivamente me interessavam. Muito importante, porém, foi perceber nessas discussões alguns pontos que não constavam do meu roteiro de questões, mas que se evidenciavam como assunto do interesse daquelas pessoas. Aliás, a própria referência dos participantes a esse ou aquele assunto já continha indicadores concretos, os quais não se poderia desprezar, na avaliação que se teria de fazer da sua visão de mundo.

Além disso, com esses contatos foi possível conhecer as relações desses indivíduos no trato com elementos "de fora", originários de centros urbanos culturalmente diferentes de seu meio.

De um modo geral, não houve muita dificuldade em abordar as pessoas para as reuniões, que aconteciam a noite, no salão paroquial da Igreja. Tinha a preocupação de fazer anotações para não esquecer as falas das pessoas, seus pontos de vista, sugestões, etc. Esta preocupação advinha também de interesse em familiarizar-me com a linguagem pela população local. Acreditava que o conhecimento de aspectos peculiares ao "dialeto" local facilitaria as relações estabe-

lecionadas nas discussões, que iam-se sucedendo, bem como na gravação das entrevistas previstas pela metodologia da pesquisa. Depois, em outro momento, a linguagem seria uma referência importante que poderia determinar a compreensão de muitos aspectos do universo pesquisado e da representação dos indivíduos aí situados, levando-se em conta que o uso da linguagem nunca pode ser considerado neutro.

Desde as primeiras conversas informais, tive portanto o cuidado de atentar para determinados aspectos linguísticos que julgava relevantes no discurso dos interlocutores. Procurei também identificar outras particularidades nos diálogos que as pessoas mantinham entre si no seu cotidiano e que tive oportunidade de observar em diversos lugares (nas festas, nos bares, nas escolas, na Igreja, etc.). Isto sem falar nas entrevistas, as quais posteriormente também forneceram um material verbal bastante expressivo.

Nas discussões, que ocorreram em número de três, pude observar que as pessoas que compareciam eram, em sua maioria, as que faziam parte de outros grupos já existentes. Usualmente os participantes de grupos da Igreja são os que mais colaboram com os eventos da comunidade, o que deixa de fora uma parcela que não está motivada para os assuntos locais. Assim, várias pessoas que fazem parte desse universo, mostraram-se interessadas e, com algumas lideranças presentes, foi possível realizar reuniões qualitativamente expressivas. Essa participação demonstrou o interesse pessoal de tais indivíduos pelos problemas da comunidade, bem como a importância que se dava ao assunto - biblioteca e informação - no lugar.

Naquelas reuniões verificou-se que o conceito de informação é muito relacionado ao de novidade; raramente, no sentido de se informar para resolver uma dúvida ou necessidade. Quando se falava em problemas, surgiam explicitamente os do bairro; com o desenrolar da conversa é que se chegava aos problemas mais diretamente ligados às pessoas e à forma como a biblioteca poderia atuar na comunidade para a solução desses.

Várias sugestões foram apresentadas. Entre elas a de que os livros nas escolas fossem, a cada final de ano, entregues à biblioteca, para que as crianças carentes pudessem utilizá-los; que acontecessem palestras informativas sobre problemas familiares,

educação para adolescentes, etc.; que a biblioteca abrisse em ho
rário mais amplo, a fim de que as crianças tivessem como ocupar
seu tempo de forma educativa.

Em todas as discussões percebi que as reclamações e
sugestões estavam permeadas pelo sentimento da crueza da sobrevi-
vência, traduzida em mais trabalho de toda a família e menos con
dições de vida, em desamparo, em panela vazia, em fadiga, em en
fermidade, em falta dos bens mais próximos à satisfação de neces-
sidade e à reposição de suas forças e da família. Mais além, a pri
vação do saber e a consciência da importância de lutar por ele.

Observei ser a biblioteca uma instituição que não e-
xiste para essas pessoas; no máximo admitem ser necessário ao es
tudante, nunca como um espaço cultural e informativo útil à comu
nidade.

As discussões de grupo foram ainda importantes para
ampliar as informações e percepções com relação à liderança, às
diferenças entre grupos, às relações de dominação e passividade,
à dificuldade de relacionamento, à relação da comunidade com a po
lítica e o poder. Além disso, ficou nítida a contradição no com
portamento coletivo: ao mesmo tempo em que esperam receber tudo
pronto, sem a realização de qualquer esforço, demonstram interes
se em que a comunidade se desenvolva pelo trabalho comum de todos,
com melhorias para o lugar.

Com o desenvolvimento dessas reuniões, nem sempre foi
possível manter-me calada. Algumas pessoas se mostravam interessa
das em conhecer pormenores do meu trabalho em geral e em especi
al, da pesquisa. Perguntavam pelo objetivo da pesquisa, queriam
saber o que seria feito dos resultados, etc. Aquelas que ficaram
sabendo da minha condição de "doutora" pediam sugestões que as a
judassem de algum modo, principalmente com relação aos estudos
dos filhos. E isso acontecia, mesmo tendo-lhes explicitado que
não estava ali com finalidade de ensinar. A verdade foi sempre
a primeira preocupação nos contatos com os grupos. E, embo
ra não buscasse objetivamente aquele tipo de envolvimento, ter
minei por atender às solicitações feitas, sempre dentro dos meus
limites. Penso que esse comportamento das pessoas possa ser expli
cado pelo isolamento em que vivem na periferia e pelas pou
cas oportunidades que elas têm para trocar idéias com pessoas de
fora do lugar. Nesta etapa, desenvolvi uma escala de assuntos a
serem abordados nas discussões (biblioteca, informação, problemas,

comunitários) para posterior mensuração e análise.

Acredito que essa discreta participação nas discussões não invalide os dados obtidos nem comprometa sua análise posterior. Pelo contrário, possibilitando maior integração entre o investigador e o pesquisado, por meio da empatia estabelecida, esse procedimento, nascido no âmago de situações vivenciadas concretamente, abriu caminho para um conhecimento qualitativamente melhor de aspectos pertinentes ao objeto de estudo.

Tendo em vista a necessidade de conhecer a história de Aarão Reis, comecei a ouvir e registrar a história de vida das pessoas da região. Lembro que a sistemática de uso das técnicas escolhidas não foi um processo estático, mas um exercício de continuidade dentro da realidade concreta.

A história de vida foi aplicada quando o trabalho na comunidade já estava bastante avançado, isto porque entendia que seria desastroso tentar conhecer a vida de pessoas que não me conheciam. A trajetória do investigador até o momento da história de vida, requer que este tenha alcançado credibilidade, respeito e confiança junto aos sujeitos da pesquisa.

Obtive a história de vida através de entrevistas gravadas, que foram transcritas, respeitando a linguagem das pessoas, dentro da preocupação com a questão linguística. Não foi possível completar a história com documentos, devido a inexistência destes na comunidade, mas as informações se cruzavam e se confirmavam entre os diversos depoimentos obtidos, legitimando o conteúdo das falas. As coincidências de conteúdo justificam-se pelo fato de as pessoas envolvidas serem bastante conhecidas da comunidade.

A realização da história de vida, que resultou no resgate e registro da história do lugar, foi uma experiência muito gratificante ao nível afetivo, pelas relações que se estabeleciam entre mim e os entrevistados. Os registros resultaram em uma bagagem informativa expressiva sobre a região, a qual foi repassada para os jovens e demais pessoas da comunidade. O processo de realização das histórias de vida está comentado neste trabalho, no capítulo que discorre sobre a biblioteca.

Considerando o elevado número de pessoas participantes dos Grupos de Reflexão e da Ordem dos Vicentinos, bem como a importância de estender a investigação a um número representativo de

las, utilizei a técnica do questionário, que me possibilitou a obtenção de dados de forma mais objetiva e sistematizada.

O questionário foi preparado de forma a abranger três etapas:

1º - caracterizar as pessoas da comunidade quanto a sexo, idade, estado civil, nível de escolaridade, profissão, tipo de emprego, número de filhos e renda familiar;

2º - conhecer a percepção dessas pessoas sobre os problemas do bairro, entidades governamentais que ali prestam serviço e como são resolvidos os problemas;

3º - esclarecer, com relação aos sujeitos: suas atividades no bairro, nível de leitura, influência dos meios de comunicação de massa sobre os mesmos, formas de lazer e conceito de biblioteca. A versão final ficou com 30 perguntas, 18 fechadas e 12 abertas.

Após a elaboração do questionário, este foi levado para ser discutido nos grupos. Na ocasião expliquei o seu objetivo e a necessidade que tinha de contar com a colaboração de todos. A seguir realizei um pré-teste com algumas pessoas do grupo, sendo preciso fazer algumas modificações referentes à linguagem e à quantidade das perguntas, as quais foram, então, reduzidas.

Observei que o fato de estar inserida na comunidade há já algum tempo, dava-me credibilidade para solicitar a colaboração das pessoas.

Um problema básico que tive - e que ocorre na aplicação de qualquer técnica - foi a distância cultural, com consequentes diferenças de linguagem entre o investigador e os sujeitos da pesquisa. Ora, em se tratando de uma técnica que utiliza a língua escrita, essas diferenças têm que ser contornadas com cuidado. Durante a elaboração das questões tive, pois, a preocupação de não usar palavras "difíceis" nem uma sintaxe que tornasse obscura as perguntas.

Embora a investigação prosseguisse em uma linha de pesquisa qualitativa, entendi ser necessário incluir questões que possibilitassem o levantamento de certos dados quantitativos, o que veio a elucidar muitos dos aspectos qualitativos considerados na análise das condições de vida do lugar e nas formas como a informa

ção circula.

Na elaboração das questões não tive preocupação com possíveis "efeitos de contaminação", evitados pelos questionários convencionais de pesquisas meramente quantitativas. Na verdade, algumas das questões pressupunham uma continuidade ou uma associação com o assunto contido em outras questões. Essas perguntas contribuíram para uma tomada de consciência da realidade por parte dos respondentes. Implícita ou explicitamente, eles tiveram oportunidade de se posicionar em suas respostas. A propósito, algumas pessoas, observaram que nunca tinham respondido a questionário e não entendiam porque serem elas as escolhidas já "que não tinham instrução nenhuma".

Outra vantagem desse questionário foi possibilitar a escolha das pessoas que vieram a ser posteriormente entrevistadas, tomando-se por base o conjunto de suas respostas às questões nele propostas.

A aplicação do questionário foi dividido em duas formas: nos Grupos de Reflexão, os líderes ficaram responsáveis pela aplicação individual de seu grupo. Na Ordem dos Vicentinos, eles sugeriram que eu fizesse a aplicação, pois receavam não terem condições de responder sozinhos.

Os questionários respondidos pelos Vicentinos, sob minha orientação, apresentaram algumas dificuldades com a linguagem, devido ao sentido teórico da pesquisa estar distante da realidade dos respondentes. Com os Grupos de Reflexão, o encaminhamento das respostas teve um nível de compreensão melhor, graças ao nível de escolaridade e percepção de mundo mais aguçada por parte deles. Esta dificuldade leva à questão da interpretação que cada indivíduo dá à pergunta formulada, mesmo, que estas sejam padronizadas, porque cada um responderá conforme sua experiência pessoal e nível de conhecimento sobre o tema. Isso requer do pesquisador uma explicação anterior sobre o assunto a ser tratado no questionário.

Precedendo às questões, coloquei uma pequena nota, em que me reapresentava e expunha, resumidamente, os objetivos do questionário. Em folha seguinte, vieram as instruções, bastante simples e objetivas, quando ficou esclarecido que não havia necessidade de o respondente identificar-se pelo nome. Deixei em aberto que, se o respondente tivesse interesse em falar mais, além das

respostas dadas às perguntas propostas, poderia fazê-lo. Para isso, foram deixados espaços em branco que poderiam ser utilizados a critério de cada um. Algumas pessoas utilizaram esses espaços com propósitos diferentes.

Do que foi acrescentado pelos respondentes, vale a pena mencionar os seguintes pontos, que não estavam explicitados no conteúdo das questões propostas no questionário: solicitação de informações sobre curso supletivo, consultas sobre questões relativas a direitos trabalhistas, reclamações diversas sobre o bairro. Também surgiram propostas para a escola funcionar melhor, elementos sobre a falta de oportunidade para a comunidade.

As 30 questões propostas formalmente no questionário (ver anexo) visavam obter respostas que caracterizassem a comunidade através dos seguintes pontos:

- a) idade, sexo e estado civil dos elementos dos grupos com os quais trabalhávamos.
- b) tempo de moradia no bairro.
- c) nível de escolaridade.
- d) tipo de profissão e tipo de emprego.
- e) renda familiar e número de filhos.
- f) problemas do bairro e como são resolvidos.
- g) fontes de informação no bairro.
- h) hábitos de leitura, tipo de leitura, tipos de programas (TV e rádio), conceito de biblioteca.
- i) outras formas de lazer.

Meu plano original era entregar, pessoalmente o questionário a cada pessoa respondente. Entretanto, por dificuldade de tempo, os questionários foram entregues ao líder de cada grupo, que se responsabilizou pela aplicação. Depois de respondidos, os questionários foram devolvidos, e feitas as observações necessárias em cada um (por exemplo se estava incompleto, se continha observações do respondente, etc.).

Foram distribuídos 104 questionários, todos devolvidos com respostas. O processo de aplicação e retorno desses questionários demandou muito tempo, porque foi feito conforme a dispo

nibilidade dos sujeitos da pesquisa.

Trabalhei com 76 mulheres e 28 homens, com idade variando entre 11 e mais de 50 anos, prevalecendo uma frequência média de 31 a 45 anos.

O grau de instrução variou de primário incompleto (30 pessoas) e completo (37 pessoas), passando pelo ginásial (20 pessoas) até o segundo ciclo (17 pessoas), onde fica evidenciado a baixa escolaridade de 75% da amostra.

A renda familiar dos entrevistados tem uma média de dois a três salários mínimos. As mulheres, em sua maioria, são donas de casa, possuindo algumas profissões definidas - cabelereira, costureira, lavadeira. Seis dos homens são aposentados, variando os ativos (22) nas profissões de motorista, pedreiro, ajudante de açougue e ajudante de escritório. Todas estas profissões - femininas e masculinas - de baixo nível salarial, que não exigem uma escolaridade maior, como também não oferecem segurança.

O tempo de moradia no bairro situa-se na média de 16 a 25 anos. Período de tempo expressivo para as pessoas conhecerem e lutarem pelo seu bairro.

As dificuldades encontradas na aplicação do questionário foram resolvidas, na medida do possível, principalmente pela ajuda imprescindível dos grupos que contornaram os problemas de forma a não prejudicar a obtenção de informações e análise final.

Mais uma vez as questões referentes à biblioteca e à leitura ficaram colocadas como muito distantes da realidade dos respondentes. Com relação ao hábito de leitura - leitura vista de acordo com SILVA como "modo de existir, no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo" (30, p.45) - e a tipos de programas (tv e rádio) que assiste, verifiquei que a questão do ler não faz parte do cotidiano da comunidade, nem em uma conceituação mecanicista da leitura, nem dentro de uma concepção de leitura como ato de descoberta do mundo. O resultado do confronto entre ler, ver televisão, ouvir rádio, aproveitar o fim de semana para reforçar a sobre vivência, sugere que as pessoas, concretamente, são sugadas pelos meios de comunicação, para os quais o pouco tempo disponível é reservado. Não entrarei aqui na discussão sobre os efeitos que os meios de comunicação de massa têm sobre os indivíduos, mas sugeri

rei, conforme BOSI que "a comunicação de massa se dirige ao trabalho não como membro de um grupo especial, mas como a um consumidor anônimo, debilitando em sua consciência o sentido e a significação de sua classe". (3, p. 174)

O processamento das respostas dos questionários foi feita em duas etapas. Primeiro, transcrevi integralmente cada resposta dada pelas 104 pessoas a cada uma das 30 questões. Em seguida, separei as respostas comuns, indicando a frequência com que cada tipo de resposta aparecia numa mesma questão.

A incidência observada em respostas dadas a determinadas questões foram auxiliares para a avaliação de alguns aspectos que vieram a ser analisados. Todavia, o que se privilegiou na análise final dos dados obtidos por esse questionário foram os conteúdos das respostas. Esses conteúdos é que possibilitaram, essencialmente, o conhecimento dos aspectos específicos que vieram a ser posteriormente analisados.

Durante o processamento dos dados obtidos, constatei que o estabelecimento de categorias para análise de dados, num questionário com perguntas abertas, não pode ser feito aprioristicamente. É claro que algumas das categorias temáticas que foram utilizadas nessa análise já estavam contidas na própria formulação das perguntas. No entanto, outras categorias de análise, que vieram a ser utilizadas, encontravam-se implícitas não nas perguntas do questionário, mas nas respostas dadas pelos respondentes. Os grupos, objetos principais da pesquisa, passaram, também, a sujeitos, pois determinaram a inclusão de novos elementos na direção que teve que ser dada à análise dos dados.

A entrevista foi a última técnica que consegui aplicar, dentro das possibilidades e dificuldades inerentes ao trabalho de campo. A questão de tempo premente para finalizar a pesquisa e a compatibilidade do uso de outras técnicas neste tipo de trabalho, foram as razões destes limites.

A entrevista seguiu um roteiro básico (anexo). A escolha dos entrevistados deu-se a partir de critérios qualitativos, que não constituem uma amostra representativa no sentido estatístico. Foram realizadas 17 entrevistas, eleitas a partir do questionário, com líderes da comunidade e pessoas aparentemente sem

características especiais que foram escolhidas por se enquadrarem nos critérios gerais da pesquisa. Foram entrevistados: o pároco geral da região a qual Aarão Reis pertence, o diretor do Centro Social onde se situava a biblioteca, a freira que dirigia os Grupos de Reflexão, o presidente geral da Ordem dos Vicentinos, líderes de alguns grupos e outras pessoas participantes da comunidade.

As entrevistas foram individuais e tinham como objeto fundamental a colocação da questão da noção e forma de circulação da informação em Aarão Reis, dentro do objetivo de analisar a aplicação da própria técnica. Trabalhei o conceito de informação ligado à "idéia de seleção e escolha. Informação referindo-se a que "espécie de informação" e não a "quanta informação". (22, p.40)

As 17 entrevistas realizaram-se em diferentes locais: na casa dos entrevistados, na Igreja, na escola e no Centro Social. Eram previamente marcadas com as pessoas, o que não foi muito difícil pelo fato de anteriormente terem-se estabelecido relações afetivas.

As entrevistas eram gravadas e, em algumas situações, a fala do entrevistado tendia a ser mais tensa com o gravador à sua vista. Terminada a gravação, a pessoa punha-se à vontade, falando inclusive das coisas que mais interessavam à pesquisa e que acabavam não sendo registradas no gravador. Em alguns casos, porém, a entrevista ia perdendo progressivamente o tom de formalidade; era quando o entrevistado assumia a condição de sujeito do processo, passando a discorrer com mais fluência, conduzindo a narração, sem necessidade de muitas interferências por parte do entrevistador. Era interessante observar, nessas situações que surgiram no depoimento dos entrevistados, assuntos importantes que não constavam no roteiro de questões.

A entrevista era precedida de uma explicação do seu objetivo e se iniciava com uma questão que servia de elemento "detonador". E a sequência das idéias daí decorrentes, até se chegar ao tema "informação", dependia mais do próprio entrevistado. No papel de entrevistadora, entretanto, procurei imprimir alguma diretividade na condução dessas entrevistas. Enquanto o entrevistado ia tendo seu discurso, eu procurava articular os assuntos nucleares à pesquisa, que iam aflorando. E, na medida da importância de cada assunto para a pesquisa, procurava incentivá-lo para que falasse mais a esse respeito, sem, contudo, desviá-lo daqueles assuntos

que pareciam interessar mais a ele.

Resumidamente, os assuntos predominantes nessas entrevistas foram ligados aos seguintes temas:

- comunidade: dificuldades e problemas do bairro, necessidades culturais e econômicas;

- relação da igreja com a comunidade: sua atuação, os problemas com os moradores mais antigos;

- informação: relação da comunidade com os acontecimentos do lugar e de fora, formas de comunicação, tipos de informação, canais de informação e atuação da biblioteca no cotidiano da comunidade.

De modo geral, não foi difícil obter informações mais pormenorizadas a respeito dos assuntos em pauta. Entretanto, com relação à questão igreja e comunidade, algumas pessoas foram reticentes. Pôde ser observado um tom de revolta e ressentimento quando se referiam às dificuldades do bairro e às suas em particular, decorrentes da marginalização político-econômica e social em que vivem.

As frequentes reclamações já observadas em algumas respostas do questionário escrito, intensificaram-se na totalidade das entrevistas. Essas reclamações referiam-se, invariavelmente à precariedade das condições de vida do lugar, à falta de infraestrutura do bairro, à falta de união entre os moradores e assim por diante.

Nessas entrevistas, foi possível perceber a relação de poder que se estabelece pela dualidade entre quem tem saber e quem não tem saber, criando, até certo ponto, situações constrangedoras e reforçando a questão ideológica do uso do instrumento para dominação através da produção de saber/conhecimento de uns sobre outros.

Considerando que uma das preocupações da pesquisa era observar a questão da informação no bairro e investigar a utilização das técnicas de pesquisas, conclui da necessidade metodológica de separar o conjunto das entrevistas realizadas em corpus distintos, para efeito de análise.

Um dos corpus é formado pelas entrevistas com os líderes locais, de quem pretendia conhecer os interesses e expectati

vas relativas à biblioteca, em função de outros interesses de ordem mais geral que se relacionassem com o tipo de atividade e militância que desenvolviam na comunidade.

Do outro corpus, faziam parte as entrevistas das pessoas "comuns" dos grupos, as quais objetivavam reunir dados que evidenciassem as condições de circulação da informação na comunidade, bem como a sobrevivência e possibilidade de atuação da biblioteca, tomando-se como principal referência o seu próprio ponto de vista.

Os assuntos contidos nas entrevistas não são excluídos entre si. Pelo contrário: só foi possível chegar a uma compreensão das formas de comunicação próprias ao lugar, bem como entender o papel da biblioteca na comunidade, com base no que forneceram essas entrevistas.

A separação da totalidade das entrevistas em corpus distintos impôs-se pela necessidade de estabelecer categorias analíticas distintas, que atendessem à especificidade própria de cada corpus.

O estabelecimento de categorias de análise foi realizado com base nos dois temas gerais que constituíam a pesquisa: formas e canais de informação dos grupos de Aarão Reis, e uso das técnicas de pesquisa em estudos qualitativos, ressaltando que não foi minha pretensão analisar a questão qualitativa da informação na comunidade, mas tão somente utilizar esta categoria para aplicação das técnicas em estudo.

Uma vez transcritas integralmente e separadas em corpus distintos, releu cada entrevista, à medida em que ouvia as fitas gravadas. Em alguns casos, nas histórias de vida por exemplo, foi necessário fazer até cinco ou seis leituras. Esse processo repetitivo chamado de "impregnação", suscitou interpretações que foram facilitadas pelo fato de ter sido eu mesma a entrevistadora. Além disso fui responsável também pela transcrição de todas as fitas.

A medida em que procedia às leituras, ia verificando a necessidade de um recorte temático por categorias, uma vez que a entrevista, enquanto um todo, constitui fonte inesgotável de interpretações e inferências. Em trechos particularmente significativos, as expressões e frases que se relacionavam com os temas ge

rais eram, então, destacadas e daí iam surgindo as categorias. Essas categorias de análise foram necessárias também para se buscar uma visão de conjunto das representações dos entrevistados a respeito dos temas mais gerais (Igreja e informação) enquanto cada entrevistado possuía suas próprias condições de discurso.

Nos trechos de entrevistas citadas no decorrer da dissertação, mantive as construções sintáticas originais com a mesma reprodução fonética. Como alguns entrevistados pediram para não serem identificados nominalmente, optei por um tratamento uniforme para todos, utilizando, nas citações, a referência "homem" ou "mulher".

Foi necessário promover um cruzamento dos dados obtidos nas técnicas utilizadas, a fim de constatar a operacionalidade e eficácia de cada uma, já que a proposta era uma discussão sobre o uso de tais técnicas, em contextos de periferia urbana, para fins de pesquisa biblioteconômica. As conclusões de ordem geral, bem como aquelas especificamente relacionadas com cada técnica, são a seguir apresentadas, dentro dos limites (e limitações) da estrutura acadêmica. A realidade da prática - porque é vida - transborda o conceito e o modelo estereotipado.

5 - UMA CONCLUSÃO POSSÍVEL: TENTANDO RECUPERAR O TODO

A pesquisa, da forma como foi proposta, levou-me a re pensar a prática bibliotecária em comunidades de periferia, com gru pos marginalizados do ponto de vista econômico, social e políti co. Senti, então, a necessidade de ver revertido o espaço no qual o bibliotecário tem trabalhado, as populações às quais ele tem servido nos últimos anos e o papel que ele tem desempenhado den tro da sociedade brasileira. Essas questões tornam-se representa tivas na medida em que, dentro de uma pesquisa como essa, prece be-se que as classes marginalizadas estão completamente - ou qua se-esquecidas pelo bibliotecário. Este tem-se preocupado mais em desenvolver seu trabalho nos gabinetes, voltado para um tecnicis mo que leva a dar prioridade a um segmento da sociedade, em detri mento de outro; a voltar-se para o reforço das relações dominan tes, ao invés de procurar, junto com o povo, uma prática social que mude o cotidiano, que conduza à transformação da vida social.

A postura adotada neste trabalho, implica em não se che gar a conclusões finais ou a tipologias de técnicas de pesquisa para a biblioteconomia. Mas sugere a pesquisa continuada junto à realidade social e a grupos populares, os quais apresentam pro blemáticas específicas, com o objetivo de desvelar processos con cretos de participação e, a partir daí, formular alternativas, também metodológicas, de ação conjunta bibliotecário-povo.

Não posso generalizar as possíveis conclusões deste trabalho para o conjunto das classes populares brasileiras, mas ter um diagnóstico revelador de como uma parcela significativa des ses segmentos se comporta diante da biblioteca. É ainda, possí vel demonstrar que outras generalizações, frequentemente feitas sem maiores critérios e sem embasamento, não são válidas; se este trabalho conseguir demonstrar que muitas dessas generalizações, que são afirmadas sobre o comportamento das classes populares di ante da biblioteca, não são aplicáveis pelo menos à comunidade e sujeitos que investiguei e que, portanto, são desprovidos de va lor globalizante, já terei dado uma contribuição à recolocação dos termos em que se discute o problema da biblioteca em comunidades de periferia no Brasil.

Preferi assumir a impossibilidade de generalização dos

resultados, do que correr o risco de supersimplificar problema tão complexo, qual seja o da formação de consciência crítica das pesoas em relação à biblioteca. Em um trabalho como este, o qual pretende seguir os moldes da pesquisa participante, os dados recolhidos não são fruto de respostas apressadas de entrevistados indiferentes; não são apontamentos de um observador externo sem envolvimento afetivo ou profissional com o "universo" pesquisado. São, isto sim, produto de uma relação cotidiana construída ao longo de vários meses, com o comprometimento de todos os participantes na busca de uma ação concreta de melhoria para a comunidade.

O método de pesquisa utilizado é, em si, um meio de conscientização e de difusão de idéias. Assim, minha função enquanto pesquisadora foi de, afora observar os comportamentos das pessoas, questioná-las de modo que os problemas por elas levantados e as informações por elas prestadas, produzissem efeitos de desbloqueamento ou de deslocamento de sua perspectiva, com probabilidade de conduzir à formação da consciência e despertar aquelas pessoas para a importância do uso da informação e da biblioteca em suas vidas.

Recoloco o trabalho comunitário como fundamental para a caminhada da pesquisa. Identifico a relação de participação com o povo como um instrumento importante da ação do profissional bibliotecário. Para a comunidade é um momento de reflexão conjunta visando uma prática mais organizada que pode levar, em alguns casos, a uma mudança no dia-a-dia em direção a relações sociais mais cooperativas.

Parece-me que cabe hoje ao bibliotecário voltar-se mais para a compreensão da realidade concreta que o cerca, dos grupos sociais, suas relações e seus significados, para a elaboração de uma prática que desemboque numa ação geradora de mudanças.

A compreensão da visão de mundo das classes populares, que se desvela no cotidiano, constitui-se em um passo importante, inclusive para se rever a prática profissional e para buscar novas formas de ação que respondam mais à realidade e aos objetivos da população do que aos objetivos de programações institucionais elaboradas sem sua participação.

A pesquisa, como foi concebida, pretendeu uma articulação do conhecer com o agir, buscou unir conceitos metodológicos de

pesquisa a uma prática com conteúdo social transformador. Dentro da prática, a dificuldade em associar as exigências da realidade concreta com as exigências científico-técnicas dimensionou os resultados obtidos.

Em relação ao problema especificamente levantado por este trabalho - adequabilidade das técnicas a pesquisas bibliotecônicas - posso afirmar que foi respondido, embora as respostas dadas sejam ainda merecedoras de novos estudos, já que minha proposta não é a de afirmações conclusivas, seja no plano da teoria, seja no da práxis.

Embora a questão da informação em si - conceito, formas de comunicação, etc. - com relação aos sujeitos da pesquisa não fosse o eixo central deste trabalho, tive a preocupação de observá-la no decorrer da pesquisa e posso inferir que as pessoas, que compunham os grupos com os quais trabalhei, obtêm informações de maneira informal, através dos canais informais existentes na comunidade. Com relação à informação, enquanto saber, senti que as pessoas, no interior de suas práticas, aproximam-se dos elementos dessa prática e os transformam em um novo saber. Senti ainda que informação não é somente parte do conhecimento formal, dado nas escolas, mas que, nesses grupos, há todo um processo de informação e conseqüentemente de educação informal.

Observei que o nível crítico das pessoas não permite uma utilização mais dirigida das informações de que dispõem. Basicamente, informações para a cidadania praticamente não são utilizadas pelo grupo. As informações a que elas têm acesso certamente fazem parte das práticas sociais da comunidade, mas em nível utilitário imediato, não em um nível de utilização política. Faltam a elas elementos e informações que lhes permitam pensar o tempo, bem como a distância efetiva entre as classes, de uma maneira globalizante; ser-lhes-ia preciso dispor dos instrumentos que lhes possibilitassem ultrapassar a dominação, bem como ter controle e acesso à história. Esta contestação denuncia como as classes populares continuam sendo excluídas dos bens e serviços da sociedade. A falta de informação mais sistemática, associa-se a falta de acesso ao ensino, a trabalho regular, a moradia, às condições de saúde. Isso se deve essencialmente ao tipo de desenvolvimento instaurado no país e não por características culturais e sociais próprias dessas camadas.

É verdade que os meses de reflexão conjunto sobre a questão da biblioteca e importância da informação, provocaram mudanças na maneira pela qual os participantes da experiência hoje encaram a biblioteca. É claro que, no fim da pesquisa, as pessoas não se tornaram "frequentadoras assíduas da biblioteca", nem capazes de entender todo o processo de aculturação e sonegação de informação que sofrem. Não perceberam que os grupos dominantes conseguem impor seus gostos, padrões, e estilo de vida, além de garantir para si o acesso aos bens culturais. Não alcançaram que o exercício de poder por esses grupos garante à classe dominante a manipulação dos recursos e a sonegação aos dominados do acesso à informação e aos bens necessários a uma produção cultural mais qualificada. O processo foi de aprendizagem, que prossegue. O que aprendi está exposto neste trabalho; o que aprenderam deve estar sendo transmitido e vivenciado com outras pessoas. Crescemos todos.

Entretanto, é importante ter-se presente que as pessoas sabem, mesmo que intuitivamente, que o acesso aos meios e uso da informação é importante. Possuem certa clareza de que a posse do conhecimento é valiosa como instrumento de cidadania, para elaboração de mecanismos de defesa e para a superação do estado de manipulação e de pobreza em que se encontram. Verifiquei ainda, que a proporção em que as relações sociais se desenvolvem com mais força na comunidade, reforça-se a busca por informação, como apoio à cidadania e como instrumento de defesa de seus direitos.

Não se deve ter ilusão, entretanto, de que as classes populares definam a biblioteca que lhes convém e organizem a biblioteca que melhor atenda a suas necessidades reais. Não podemos esquecer que as próprias classes populares, pelas condições de marginalização a que são submetidas, têm, via de regra, poucas condições de reagir à manipulação do sistema. Por isso, têm demandado apenas uma biblioteca que lhes garanta algum benefício do sistema, ao invés de exigirem uma biblioteca que viabilizasse a participação dos indivíduos na formação de uma sociedade mais justa. Ou seja, tal mudança implica em retomar uma perspectiva mais rica da participação e responsabilidade do bibliotecário no ato de educar o indivíduo para a sociedade. Sem modelos pré-definidos, pois estes terminam sendo algo imposto, a serviço de interesses de alguns elementos da sociedade. É preciso avançar na prática bibliotecária, com criticidade, a fim de se estabelecer u

ma relação madura em torno da biblioteca e dos grupos sociais até então marginalizados, visando fortalecer a cultura popular e a noção de cidadania.

Isto implica em comprometer a biblioteca com a memória viva das classes populares que, de forma silenciosa participa do processo histórico deste país. Exige o resgate dessa cultura que se diluí no tempo por não ser registrada e recontada, fato esse que contribui para aumentar cada vez mais o processo de aculturação dessas classes.

Reescrever a história das classes populares no Brasil é vital para dar dignidade a um povo espoliado de seus direitos. Somente assim é possível pensar um processo de participação democrática do povo brasileiro. Trata-se de pensar a realização da democracia, como um sistema de vida social transformador das relações sociais existentes hoje. Nesta mudança, insere-se a criação de uma política cultural consequente, que não pode deixar de tomar como seu ponto de partida a idéia de que seu compromisso é para com a produção de uma sociedade democrática, com a efetiva democratização da cultura e de todos os instrumentos culturais, entre eles o livro e a biblioteca.

Enquanto isso não acontece e procurando contribuir na busca de uma perspectiva mais rica do ser bibliotecário e na construção de uma sociedade mais humana, é que este trabalho se desenvolveu. Isto se deu quando procurei identificar a função da biblioteca, as formas de informação das classes populares e principalmente quando, junto com a comunidade, construimos uma biblioteca, espaço de informção e cultura. Nesta caminhada, estava atenta ao que diz BOSI: "Depois de descobrir carência, percebemos que elas nos comprometem. É preciso conhecer o problema de perto, tocar nos fatos. Mas isso não basta para que se fale em nome de alguém: devemos também enxergar de sua perspectiva a realidade... Assumir uma visão operária do mundo é um exercício difícil, um limite a alcançar, um caminho a percorrer". (3, p.179)

A biblioteca de Aarão Reis, mesmo com todas as difícildades, tem conseguido sobreviver sob a responsabilidade da comunidade e orientação de professores da UFMG. Atualmente desenvolvem-se trabalhos na área de teatro, com peças sendo ensaiadas e apresentadas por grupos do lugar. O jornalzinho da comunidade foi reativado com a ajuda da biblioteca e participação do grupo de jo

vens, com o objetivo de circular as notícias do lugar para todos e também revelando os valores da comunidade, como poetas, desenhistas, etc. Foi realizado um audiovisual (a partir da história oral, que já fazia parte do acervo da biblioteca), mostrando toda a região e sua história.

O problema central desse trabalho situou-se nos instrumentos de pesquisa aplicados à biblioteconomia para estudos de comunidade urbanas periféricas. Importante lembrar que essas técnicas não dispensam uma postura científica por parte do pesquisador, uma vez que cada técnica introduz distorção no real. É preciso manter o controle metodológico, a fim de se ter o controle do contexto social em que a pesquisa se desenvolve.

É preciso que se entenda que cada uma das técnicas tem sua especificidade. O exame crítico das técnicas não significa o abandono de sua utilização, ela reduz simplesmente o seu emprego a determinadas situações e a determinados objetivos em função de condições que devem ser explicitadas. É preciso estar consciente dos limites e abrangência dessas técnicas. É a partir da aceitação de cada limite da técnica que se pode ter condições, também, de entender os limites das informações que colhemos no real.

Para fazer esta reflexão apoiiei-me, principalmente nos trabalhos de THIOLLENT, que estão longe de constituir o conjunto da literatura sobre esta questão, mas que têm a vantagem de colocar com vigor problemas essenciais, demarcando o campo das técnicas a serem exploradas.

Sem pretender cobrir toda a problemática e possibilidades das técnicas utilizadas nesse trabalho, enfatizei os aspectos práticos e metodológicos, faltando ainda muitos aspectos a serem abordados. Constituem exemplo de tais omissões o cunho psicológico da entrevista e da discussão de grupo, devido a este aspecto não fazer parte do escopo do presente trabalho. No entanto, acredito ter iniciado a discussão das técnicas aplicáveis à pesquisa biblioteconômica em comunidades de periferia urbana.

5.1 - Um olhar reflexivo sobre os instrumentos

Como conclusão em relação aos instrumentos de pesquisa

tenho alguns elementos indicadores sobre sua aplicabilidade em biblioteconomia. São eles, dentro da enumeração das diversas técnicas utilizadas pelo presente estudo.

a) Observação: Utilizada no início da pesquisa, objetivou a conhecer a comunidade como um todo e a dar-me a conhecer. Permitiu um contato maior entre os grupos e suas relações sociais. Apresentou um nível de captação de informações muito amplo, as quais demandam maior aprofundamento e sistematização no decorrer da pesquisa. É uma técnica que busca mais os sentidos do que as aparências das ações humanas, daí ser necessário o equilíbrio entre neutralidade e objetividade por parte do pesquisador. É considerado como a técnica de captação de dados menos estruturada das ciências sociais.

b) Questionário: Utilizado para caracterizar as pessoas do bairro quanto aos dados sócio-econômicos. Possibilitou a obtenção de dados de uma forma objetiva e sistemática, além de ter viabilizado uma escolha criteriosa das pessoas que vieram a ser posteriormente entrevistadas. Isoladamente, o conhecimento adquirido através do uso do questionário é, porém, insatisfatório porque superficial. Para se chegar a alguma conclusão sólida e conseqüente, do ponto de vista da pesquisa biblioteconômica, é preciso mais do que fazer amostragens selecionadas, perguntas com opções de respostas limitadas, as quais serão respondidas por entrevistados de forma desconfiada, apressada e irrefletida. É preciso que o pesquisador, previamente, afunde-se na vida das pessoas, cujas reações pretende conhecer, ganhe sua confiança até o ponto em que possa estar seguro de que não há mais cautela entre eles, participe com elas de atividades concretas relativas ao objeto do estudo, discuta, ensine e aprenda. O questionário se adequa apenas àquelas fundamentações teóricas que consideram o comportamento global como uma somatória de respostas, que não têm entre si uma articulação intrínseca. Sua utilização para trabalhos de natureza qualitativa é limitada, em virtude de o questionário identificar somente dados quantitativos que não permitem "leituras" do concreto. O uso do questionário somente é viável quando o pesquisador está atento para evitar suas limitações e utiliza outras técnicas complementares para ampliar e validar suas informações, evitando, assim, distorções na interpretação dos dados do questionário.

c) Discussão de grupo: É impossível desenvolver trabalhos que pro

ponham uma linha qualitativa, sem conhecer a coletividade e seu contexto. Para obter tal conhecimento foi utilizada a discussão de grupo, após alguns meses de permanência na comunidade, exatamente para captar as atitudes globais das pessoas com relação aos problemas da comunidade e à criação da biblioteca. A dinâmica de uma discussão de grupo é situação complexa, que implica em aprofundar estudos teóricos da psicologia, impossíveis de serem aqui abordados. Observei que as posições dogmáticas aparecem mais facilmente nas discussões do que nas entrevistas. Considero por isso a técnica importante para conhecer as pessoas e suas opiniões sobre tema determinado. Ela ajuda na caminhada dentro da comunidade, por ser inclusive norteadora da postura do pesquisador. Este tipo de técnica tem o risco de levar muitas pessoas (as tímidas, as passivas, etc.) a dizerem o mesmo que as precedentes, mas, por outro lado, favorece a não omissão de algum dado importante, pois, estabelece-se entre os participantes uma pressão mútua para que seja dito tudo a respeito do tema que está na discussão. Constatei que a utilização dessa técnica teve o mérito de aumentar a fidedignidade das informações obtidas através das demais técnicas: a discussão dá a perceber o coletivo, enquanto as outras técnicas utilizadas avaliam os sujeitos e sua caminhada de forma mais individual.

d) História de vida: O caráter de oralidade dessa técnica é de uma riqueza enorme, na medida em que lida com uma comunidade que não utiliza sistematicamente o código escrito para estabelecer suas relações com o mundo. Aumenta a interação com os entrevistados, já que o sujeito pesquisado é colocado totalmente à vontade para contar sua história. Tem a possibilidade de ampliar a participação dos entrevistados na biblioteca, a partir do momento em que seus códigos de expressão são resgatados. Assim, se a cultura é oral, devem-se utilizar também as reuniões, os debates e as narrativas. Utilizada após haver estabelecido relação com as pessoas, a história de vida deu-me a conhecer as relações na comunidade, as raízes, vivências e experiências das pessoas.

e) Entrevista: Utilizada para captar o conceito de informação dos sujeitos e as formas de comunicação utilizadas pelas pessoas. Possibilitou uma interação social mais ampla com o entrevistado, onde captei não só o tema central como também, as conexões com o contexto da pessoa. Observei que a entrevista tem uma dupla fina

lidade: levantar dados e constituir-se em material de análise. Peça por colocar para o indivíduo questões que ele mesmo, talvez, não se coloque. Ou pelo menos, não naqueza hierarquia e organização imaginada pelo pesquisador. Várias dimensões do entrevistado se apresentam na entrevista: dificuldade em falar, sentimento de ilegitimidade, fantasias paranóides... O maior desafio dessa técnica está na capacidade do pesquisador em desencadear no entrevistado o discurso livre, com um mínimo de intervenção. Aqui também, não abordei os aspectos psicológicos. A entrevista não diretiva, tanto quanto qualquer outra técnica não pode ser um fim em si e bastar-se a si mesma; é apenas um dos meios dos quais dispomos.

As técnicas e sua aplicação no campo da biblioteconomia estão diretamente associadas ao nível de pesquisa que se deseja empreender. É importante ter-se claro que a objetividade é um ideal inatingível mas que, mesmo assim, o pesquisador deve tentar a aproximação.

5.2 - Pensando no amanhã

Estou consciente do pouco que fiz, mas acredito que deve ter significação especial a participação dos grupos neste trabalho. As lacunas com relação à biblioteca e às técnicas, continuam. Porém espero ter mapeado alguns elementos básicos que nos forneçam indicadores para a compreensão do uso comprometido das técnicas em pesquisa biblioteconômicas. Compartilho da preocupação de alguns autores de que necessitamos urgentemente de uma verdadeira teoria de questionar e entrevistar, que ofereça mais do que algumas regras técnicas.

Em suma, o objetivo das conclusões do presente estudo é propor indicações a serem discutidas entre os pesquisadores da área, com o fim único de gerar uma biblioteconomia comprometida com as classes populares desse país.

Proponho às escolas e cursos de biblioteconomia uma reflexão sobre o ensino das disciplinas denominadas "metodologia da pesquisa" ou "métodos e técnicas de pesquisa" as quais não têm permitido ao aluno, com raras exceções, uma visão crítica do ato

de pesquisar. Tais disciplinas têm-se limitado, via de regra, a ensinar, dentro de um enfoque positivista, apenas normas e procedimentos "neutros" de pesquisa, como se isto fosse possível, impossibilitando o desenvolvimento de pesquisas - mesmo a nível de iniciação - voltadas para a realidade da biblioteconomia brasileira.

Minha postura atual é, de um lado, menos messiânica e otimista que há cinco anos atrás, em relação à eficácia da biblioteca como instrumento de transformação social a serviço das classes populares. Por outro lado, acredito possuir, no momento, um conjunto de elementos que nos indicam algumas tendências básicas presentes nas práticas de bibliotecas populares que despontam hoje no país e na prática de alguns pesquisadores, preocupados com a qualidade e uso das pesquisas que se vêm desenvolvendo em biblioteconomia.

Partilho minha experiência e minhas indagações.

6 - CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

01. AGUIAR, Neuma. Observação participante e survey: uma experiência de conjugação. In: VUNES, Edson de Oliveira. Org. A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. p.125-6
02. BETTO, Frei. O que é comunidade eclesial de base. São Paulo, Brasiliense, 1981. p.17.
03. BOSI, Eclêa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis, Vozes, 1981. p.174 e 179.
04. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular. Campinas, Papirus, 1983. p.17-18.
05. CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa. São Paulo, 1977. p.35.
06. FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. R. Esc. Bibliotecon. UFMG. Belo Horizonte, 12(2):190, set. 1983.
07. FOUCAULT, M. & DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder. IN: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979. p.70.
08. GIANOTTEN, Vera & WIT, Ton de. Pesquisa participante em um contexto de economia camponesa. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Org. Repensando a pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.169.
09. GOHN, Ma. Glória Marcondes. A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1985. p.19-20.
10. GOODE, William J & HATT, Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo, Nacional, 1977. p.84.
11. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na

Petropolis, Vozes, 1987. p.64 e 79.

12. KOWARICK, Lúcio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. p.23.
13. LIMA, Etelvina. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 11 (2): 137. set. 1982.
14. MACEDO, Carmem Cinira. Tempo de gêneses: o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo, Brasiliense, 1986. p.136.
15. MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum; compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo, Brasiliense, 1988. p.208.
16. MANN, P.H. Métodos de investigação social. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. p.106.
17. MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENTE, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, 1980. p.194, 210.
18. MILANESI, Luís. Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986. p.25.
19. NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa social: introdução às suas técnicas. São Paulo, Nacional, s.d. p.81, 98, 99 e 147.
20. NORONHA, Olinda Maria. De camponesa a "madame": trabalho feminino e relações de saber no meio rural. São Paulo, Loyola, 1986. p.28.
21. PEREIRA, William César Castilho. Dinâmica de grupos populares. Petropolis, Vozes, 1982. p.69.
22. PIGNATARI, Décio. Informação, linguagem, comunicação. São Paulo, Cultrix, 1984. p.40.
23. POLKE, Ana Maria Athayde. Biblioteca, comunidade e informação utilitária: um estudo de como circula a informação uti

litária no bairro Pompéia em Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11 João Pessoa, APB, 1983. p.133-4.

24. RODRIGUES, Aracy Martins. Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo, Símbolo, 1974. p.50.
25. RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola; o transitório e o permanente na educação. 2.ed. São Paulo, Cortez, 1985. p.98.
26. RUMMEL, Francis J. Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação. Porto Alegre, Globo, 1974. p.103-4.
27. SCHARDER, Achim. Introdução à pesquisa social empírica. Porto Alegre, Globo, 1978. p.32, 98 e 105.
28. SELTZ, et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, USP, 1975. p.268 e 273.
29. SCHAFF, Adam. História e verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1983. p.86.
30. SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo, Cortez, 1981. p.45.
31. THIOLENTE, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1982. p.31, 49, 52 e 83.

7 - BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. Lisboa, Presença, 1980. 120p.
- ANDRADE, A.M.C.de. Biblioteca ação cultural e produção de audiovisuais; relatório de atividades. Belo Horizonte, 1985. Mimeo - grafado.
- AMMANN, Safira Bezerra. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. São Paulo, Cortez, 1982. 176p.
- BADKE, Todeska. Biblioteca popular - uma experiência no bairro Laranjeiras. Palavra chave. São Paulo, APB, n. 4. Maio, 1984.
- BARREIRO, Júlio. Educação popular e conscientização. Petrópolis, Vozes, 1980. 188p.
- BENEYTO, Juan. Informação e sociedade: os mecanismos sociais da atividade informativa. Petrópolis, Vozes, 1974.
- BETTO, Frei. O que é comunidade eclesial de base. São Paulo, Brasiliense, 1981, 115p.
- BOSI, Eclêa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis, Vozes, 1981. 188p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985. 195p.
- _____. Org. Repensando a pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense, 1984, 252p.
- _____. Org. Pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense, 1972, 211p.
- _____. Org. O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular. Campinas, Papyrus, 1983, 115p.
- BRECKEENFELD, M.C. & PIMENTEL, E.M. Biblioteca popular de casa

amarela - uma experiência de biblioteca comunitária. Cadernos de Biblioteconomia, Recife (5): 7-14. Jun. 1983.

- BRUYNE, Paul de et alii. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. 252p.
- CABRAL, Ana Maria Rezende. Informação utilitária e ação cultural - relato de uma experiência. (Trabalho apresentado no I Encontro Mineiro de Biblioteconomia, 1986). Mimeografado.
- CAMARGO, Aspásia. História oral e história. Mimeografado.
- CASTRO, Cláudio de Moura. A prática da pesquisa. São Paulo, 1977. 207p.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo, Moderna, 1981. 220p.
- COELHO NETTO, José Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 124p.
- CORREIA, Carlos Humberto P. História oral: técnica e teoria. Florianópolis, UFSC, 1978. 91p.
- COSTA, Maria Neusa de Moraes et alii. Biblioteca pública como centro de informação utilitária; uma experiência no município de Santa Rita - PB. relatório de pesquisa - 1ª etapa. R. Esc. Biblioteconomia UFMG, Belo Horizonte, 13 (2): 179-195. set. 1984.
- DEMO, Pedro. Educação, cultura e política social. Porto Alegre, FEPLAM, 1980. 122p.
- ELEPETA, Justa e ROCKWELL, Elgie. Pesquisa participante. São Paulo, Cortez, 1986. 77p.
- FÁVERO, Osmar. Org. Cultura popular e educação popular. - Memória dos anos 60. Rio de Janeiro, Graal, 1983. 271p.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979. 295p.

- FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte. 12(2): 146-169, set. 1983.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 143p.
- _____. A importância do ato de ler; em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 1985. 96p.
- FRIEDRICH, João Antonio & AGOSTINI, Haidi Cecília. Bibliotecas comunitárias: a participação voluntária do bibliotecário. Mimeografado.
- GÕES, Moacyr. De pé no chão também se aprende a ler (1967-1964) uma escola democrática. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. 203p.
- GOHN, Moria da Glória Marcondes. A pesquisa das ciências sociais. Considerações metodológicas. Cadernos cedes. São Paulo, 12:3-14. 1984.
- _____. A força da periferia: a luta das mulheres por creches em São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1985. 187p.
- GOODE, William J. & HATT, Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo, Nacional, 1977. 186p.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 244p.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis, Vozes, 1987. 163p.
- KAUFMANN, Félix. Metodologia das ciências sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. 320p.
- KOSIK, Karł. Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 230p.

- KOWARICK, Lúcio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 138p.
- LEWIN, K. Teoria de campo em ciência social. São Paulo, Pioneira, 1965. 190p.
- LIMA, Etelvina. Biblioteca em programas de alfabetização e educação de adultos. R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, 11 (2): 133-145. set. 1982.
- LIMA, Sandra A. Barbosa. Participação social no cotidiano. São Paulo, Cortez, 1981. 157p.
- MACEDO, Carmem Cinira. Tempo de gêneses: o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo, Brasiliense, 1986. 291p.
- MACHADO, Lia Zanotta. Estado, escola e ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1983. 240p.
- MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum; compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo, Brasiliense, 1988. 282p.
- MAGNANI, José Guilherme. Festa no pedaço. São Paulo, Brasiliense, 1984. 246p.
- MANFREDI, Sílvia Maria. Política e educação popular. São Paulo, Brasiliense, 1984. 246p.
- MANN, P.A. Métodos de investigação social. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 220p.
- MARSHALL, T.H. Civilização, classe social e status. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. 356p.
- MILANESI, Luís. Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986. 289p.
- MOISÉS, José Alvãro et alii. Cidade, povo e poder. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. 199p.

- NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa social: introdução às suas técnicas: São Paulo, Nacional, s.d. 209p.
- NORONHA, Olinda Maria. De camponesa a "madame": trabalho feminino e relações de saber no meio rural. São Paulo, Loyola, 1986. 231p.
- NUNES, Edson de Oliveira. Org. A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 240p.
- PAIVA, Vanilda. Org. Perspectivas e dilemas da educação popular. Rio de Janeiro, Graal, 1984. 325p.
- PEREIRA, William César Castilho. Dinâmica de grupos populares. Petrópolis, Vozes, 1982. 159p.
- PHILLIPS, B.S. Pesquisa social, estratégias e táticas. Rio de Janeiro, Agir, 1974. 240p.
- PIGNATARI, Décio. Informação, linguagem, comunicação. São Paulo, Cultrix, 1984. 121p.
- POLKE, Ana Maria Athayde. Biblioteca, comunidade e informação utilitária: um estudo de como circula a informação utilitária no bairro Pompéia em Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11, João Pessoa. Anais. João Pessoa, APB, 1983. p.131-159.
- RODRIGUES, Aracy Martins. Operário, operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo. São Paulo, Símbolo, 1974. 351p.
- RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola; o transitório e o permanente na educação. 2.ed. São Paulo, Cortez. 1985. 120p.
- RUMMEL, Francis J. Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação. Porto Alegre, Globo, 1974. 354p.
- SCHARDER, Achim. Introdução à pesquisa social empírica. Porto Alegre, Globo, 1978. 256p.

- SELLTIZ et alii. Métodos de Pesquisa nas relações sociais. São Paulo, Ed. USP, 1975, 493 p.
- SHAFF, Adam. História e verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1983, 317p.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo, Cortez, 1981, 104p.
- SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina. São Paulo, Cortez, 1986, 174p.
- SINGER, Paul & BRANT, Vinícius Caldeira. Or. São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis, Vozes, 1983, 230p.
- SUAIDEN, Emir José. Biblioteca Pública Brasileira: desempenho e perspectivas. São Paulo, Lisa/INL, 1980, 82p.
- TEIXEIRA, Paulo Couto. Comunidades eclesiais de base: a renovação da Igreja. REV. IPEA - Instituto de Planejamento Econômico e Social. set. 83.
- THIOLLENT, Michel. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 49: 45-50, Maio 1984.
- _____. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, 1982. 270p.
- _____. Metodologia de pesquisa-ação. São Paulo, Cortez, 1985, 108p.

8 - ANEXOS

8.1 - Roteiro de entrevista

1. Dados pessoais.
2. Como os entrevistados veem a informação
3. Formas de obter informações na comunidade.
4. Locais a que recorre para obter informações na comunidade.
5. Ocasões do dia-a-dia em que necessita se informar.
6. Problemas da comunidade que podem ser resolvidos com uma informação determinada.
7. Pessoas da comunidade que considera informadas e porque.
8. Atividades na Biblioteca para ajudar a comunidade a melhor se informar.
9. Mudanças sociais e políticas alcançadas com o uso de informações úteis às pessoas e à comunidade.

8.2 - Modelo de questionário

Gostaria de contar com a sua colaboração, para que respondessem a este QUESTIONÁRIO, para que possamos conhecê-lo melhor e obter sua participação em nessa pesquisa, que tem por objetivo a melhoria da biblioteca e seus serviços.

Por favor marque com um X a resposta que você achar melhor.

01. Nome:

02. Sexo - MASCULINO () FEMININO ()

03. Idade

Menor de 10 anos ()

de 10 a 15 anos ()

de 16 a 30 anos ()

de 31 a 45 anos ()

de 46 a 50 anos ()

de 60 ou mais ()

04. Qual seu estado civil?

Solteiro () casado () viúvo () separado ()

05. Há quanto tempo mora no bairro? _____

06. Qual seu grau de instrução?

primário incompleto ()

primário completo ()

ginasial incompleto ()

ginasial completo ()

secundário completo ()

secundário incompleto ()

07. Já realizou outros cursos fora da escola?

sim () não ()

08. Se sim, foi curso:

profissional () cultural ()

09. Você tem alguma profissão?

Sim () Não ()

10. Se sim, qual? _____

11. Você trabalha fora?

Sim () Não ()

12. Se sim, onde e o que você faz?

13. Se você não trabalha fora, quem da sua casa trabalha?

14. Qual a renda mensal da família?

Até 1 salário mínimo ()

De 2 a 3 sal. mínimos ()

De 3 a 5 sal. mínimos ()

Mais de 5 sal. mínimos ()

15. Você tem filhos?

Sim () Não () Quantos? _____

16. Quantos estudam? _____

17. Em que escola e qual ano estão cursando?

18. No bairro em que você mora tem esses serviços que o governo (Es

tado-Prefeitura) presta?

água encanada	()	posto de saúde	()
luz	()	hospital	()
esgoto	()	delegacia	()
transportes	()	escola pública de 1º grau	()
		escola pública de 2º grau	()

19. Com os serviços (escola, transporte, etc.) que existem no bairro, você acha que existem problemas? Quais?

20. Se existe problemas no bairro, como você procura resolvê-los?
() sozinho () através de políticos () através de associações () através dos grupos da Igreja () através dos grupos da comunidade () através de pessoas do bairro () Líderes Quem? _____

21. Através de que meios você toma conhecimento do que acontece no bairro?

Igreja () Amigos () Quem? _____
Escola () Líderes () Jornal () TV ()
Rádio ()

22. Há quanto tempo você participa dos grupos?

reflexão () _____
vicentinos () _____

23. Cite algumas atividades feitas com o grupo para a comunidade.

24. Você tem hábito de ler?

Sim () Não ()

25. Se sim, que tipo de leitura?

Jornal () Revista () Livro ()

26. Você assiste televisão?

Sim () Não ()

Que programa? _____

27. Você escuta rádio?

Sim () Não ()

Que programas? _____

28. Como você passa o final de semana e os feriados?

29. Qual o significado da BIBLIOTECA para você?

30. Qual seu endereço?

OBRIGADA

OLGA